

FUNDAÇÃO NACIONAL do ÍNDIO

IDENTIFICAÇÃO e DELIMITAÇÃO

TERRA INDÍGENA XAVANTE - MT
ÁREAS 4 e 5



RELATÓRIO AMBIENTAL
JUNHO / 2.001

*A coordenador de Análise,
Para análise e decisão presidenciais.
sempre ainda que o presente decisão em opinião pelo Coord.
do Gt.
11/07/01*

MURILO G. MELLO
ECÓLOGO

*Marco Antônio de Almeida
Chefe do Dept. de Análise e Delimitação
DEID/FEUNAI*

ENTRADA / DEID
EM 29 / Junho / 01
RUBRICA M. G. Mello

INDICE

Introdução	01
1 - Contexto Regional	03
2 - Ecologia Humana	10
3 – Etnoecologia	11
4 – Etnobotânica	17
5 – Etnozoologia	19
6 – Atividades Produtivas	20
6.1. caça	20
6.2. coleta	31
6.3. pesca	36
6.4. agricultura	38
6.5. criação de animais e aves	41
6.6. outras atividades	42
7 – Aspectos Conservacionistas	43
8 – Considerações Finais	53
9 – Conclusão	56
Bibliografia	59
Anexos	61

INTRODUÇÃO

“SOMOS ANIMAIS que DEPENDEMOS da NATUREZA”

Felizmente, a dimensão ambiental foi devidamente incorporada nos estudos de identificação e delimitação de terras indígenas, permitindo uma melhor compreensão do uso e importância dos recursos naturais para as populações indígenas, bem como suas inter-relações com o ambiente regional.

A possibilidade e a importância desta abordagem “conservacionista” dos biomas englobados nas demarcações, colabora diretamente com a proteção dos ecossistemas regionais e com a manutenção da biodiversidade brasileira; beneficiando a todos dentro desta perspectiva ecológica – índios, brancos, fauna, flora, terra, água e suas gerações futuras.

Os levantamentos e investigações do uso dos recursos naturais (caça, pesca, coleta, plantas medicinais e outros) feito pelos Xavante, bem como sua interação com o ambiente regional e a classificação das diversas fisionomias de vegetação, foram realizados pelo G.T. (outubro a dezembro de 2.000) conforme metodologias empregues em Etnoecologia e Etnobiologia; valendo-se de padrões científicos para a análise do estudo.

Tais estudos foram realizados constantemente, durante todo o contato com os Xavante, obedecendo a critérios etnológicos e científicos, as informações eram coletadas através de conversas informais e entrevistas durante caminhadas e incursões pelas áreas reivindicadas e Terra Indígena; procurou-se selecionar os melhores informantes, segundo indicação das lideranças de cada aldeia visitada, combinando e completando as informações necessárias.

Estudos sobre a Ecologia Humana (costumes) do grupo foram realizados diretamente nas aldeias visitadas através de entrevistas semi-estruturadas, principalmente com as mulheres, contrapondo informações de jovens e velhas; permitindo avaliar possíveis choques culturais entre as gerações.

Para garantir uma abordagem significativa sobre Ecologia Humana atual deste grupo Xavante, verificando possíveis mudanças de costumes que estão ou venham comprometer a integridade física e cultural destes índios, interferindo na sua relação direta com o meio-ambiente; foram sistematicamente visitadas 11 (onze) aldeias da T.I. Parabubure, ocupantes da região do Rio Kuluene, e que dependem de alguma forma das Áreas Delimitadas neste trabalho, para manter a integridade mencionada acima.

Todas as informações foram coletadas com o auxílio de um tradutor competente (professores, caciques, funcionário da FUNAI), garantindo sua plena compreensão.

Em campo, as áreas 4 e 5 foram identificadas e delimitadas separadamente, conforme portaria; sendo que física e ambientalmente ambas se complementam, tornando-se na prática uma única Terra Indígena. Desta forma o presente relatório fundiu a análise e a exposição dos dados, desmembrando apenas algumas informações específicas.

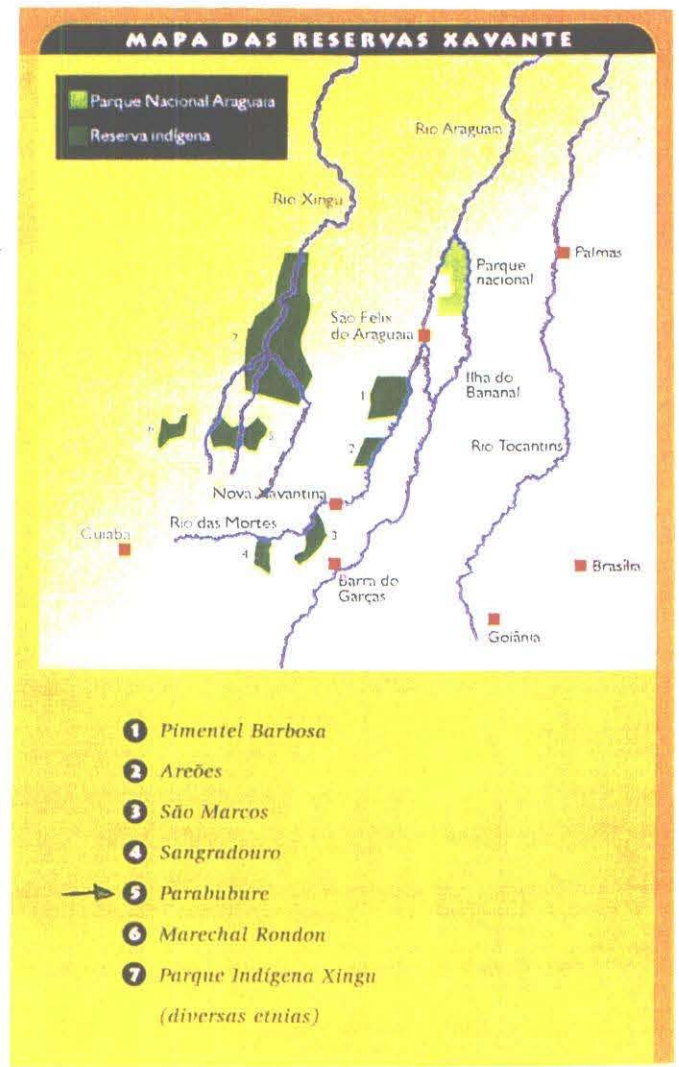
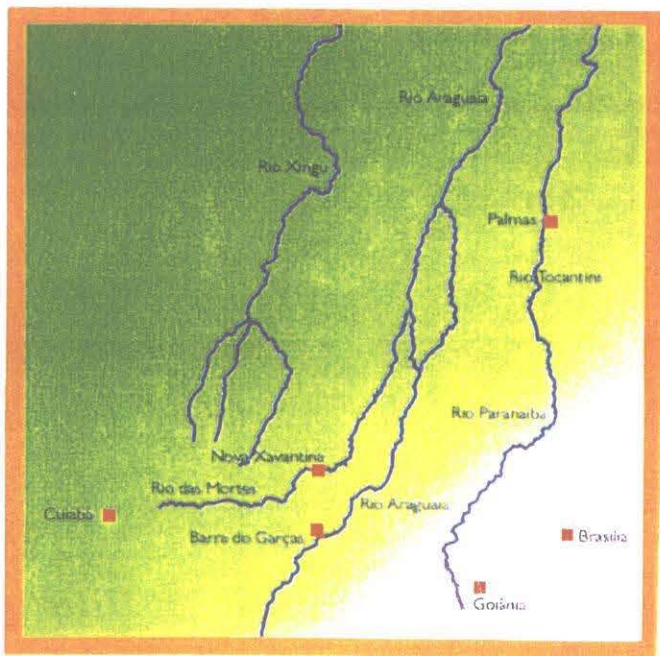
Além das informações coletadas em campo, os dados e as análises aqui expressas e apresentadas, estão cuidadosamente embasadas e complementadas por textos, relatórios e discursos antropológicos, levantamentos e pesquisas científicas, imagens de satélite e planos de manejo – vindos de instituições de porte como a UNEMAT, UNB, USP, EMBRAPA, WWF, ISA e da própria FUNAI.

As Reservas Indígenas, num futuro próximo, serão reconhecidas como **verdadeiros santuários da vida silvestre e biodiversidade brasileira** – berço cultural e ancestral - ganhando o devido respeito e merecimento da sociedade “*warazú*” que habita o seu entorno, bem como das entidades competentes.

Este fato se revelará em breve, quando olharmos pros lados constatando: sobrou cerrado e matas verdes somente na Terra dos Índios !

Chegou o momento de nossa sociedade rever seus valores, seguir pelo “caminho do meio” plantando boas sementes e colhendo seus frutos – sendo que este processo demarcatório e seus respectivos relatórios constituem um pequeno mas valioso instrumento que auxilia nesta caminhada – pensando na humanidade como um todo.

Na verdade o que almejamos é colaborar “com algumas sementinhas” para a construção de um mundo melhor para todos – e não há mal nenhum em nutrir este belo sonho !!



Mapas 1, 2 e 3 : Localização da Área de estudo e demais Reservas Xavante. Fonte: Leeuwenberg & Salimon (1999)

1 – CONTEXTO REGIONAL

A Área Delimitada com 396.739 hectares, localiza-se na porção central do estado de Mato Grosso, junto à T.I. Parabubure, estando totalmente inserida na microbacia do Rio Kuluene e Rio Couto Magalhães, um pouco abaixo da barra onde estes se encontram; abrangendo principalmente terras do município de Paranatinga e Água Boa, e uma pequena porção de Nova Xavantina.

Segundo dados do ISA (2001), do total da área do município de Agua Boa (1.157.634 h a) apenas 0,04 % estão inseridos em Terras Indígenas ou em Unidades de Conservação; e dos 2.432.466 h a do “gigante” município de Paranatinga outros 14 % fazem parte destas categorias. Nova Xavantina apresenta apenas 0,87 % de seu município com Terras Indígenas.

Toda esta região matogrossense, continua a ser antropicamente caracterizada por uma colonização de exploração da terra; sobressaindo-se as extensas plantações mecanizadas de soja, arroz e pecuária de corte extensiva.

Tal colonização exploratória e desordenada, sem vínculos futuros com a terra, vem deixando a anos um rastro de degradação ambiental por onde passa, pois a cada ano novas áreas de cerrado estão sendo abertas e exauridas de sua fertilidade até virarem pastos mal formados e improdutivos.

O estudo da Expansão Agrícola e Perda de Biodiversidade do Cerrado, divulgado pelo Fundo Mundial para a Natureza (WWF) no Brasil, atribui a destruição do cerrado ao crescimento das atividades pecuárias e agrícolas na região. Segundo o WWF, a expansão dessas atividades tem causado grandes impactos ambientais no cerrado, além de aumentar a concentração de propriedades e a pobreza na região (O ESTADO DE SÃO PAULO, 09/02/2.001).

Levantamentos recentes do ISA (Instituto Sócio-Ambiental), indicam um índice de desmatamento constante nos municípios do entorno da T.I.Parabubure, principalmente nas regiões de cabeceiras pertencentes à Bacia do Xingu; provocados principalmente pela expansão do cultivo de arroz, e pecuária.

Somente no município de Paranatinga, pelos dados do IBGE, a área cultivada dobrou nos últimos anos, chegando a mais de 40.000 h a em 1.999 – a FEMA indica que no período de 1997 a 1999, quase 60.000 h a foram desmatados no município.

Tabela 1

Avanço do desmatamento nos municípios da região.

município	Até 1.994 (h a)	Até 1.997 (h a)	Até 1.999 (h a)
ÁGUA BOA	434.074	512.546	529.381
CAMPINÁPOLIS	152.374	187.256	194.903
PARANATINGA	398.929	637.679	693.116

Fonte: FEMA (1.999)

Segundo WALSCHBURGER (1992) citado por MARINON (1998), a evolução cultural do homem do se define sob diferentes relações com a natureza. A atual cultura ocidental vem implementando modelos de desenvolvimento em regiões tropicais que frequentemente contradizem os objetivos de um desenvolvimento sócio-econômico e ambiental equilibrado, conduzindo a um modelo de exploração agrícola, extração de recursos minerais e projetos de colonização que normalmente fracassam, ameaçam de forma radical a manutenção da biodiversidade regional e afetam as comunidades indígenas, negando o valor cultural e suas experiências no uso e manejo dos recursos naturais.

Portanto, cabe ressaltar que as tendências impostas pela gradativa degradação das áreas de entorno da T.I. Parabubure, provocam uma inviabilização do meio de vida tradicional Xavante – sendo que a demarcação de novas Áreas Indígenas objetiva conter ou pelo menos retardar este processo – **garantindo ao menos o direito de escolha** a estes nativos no que diz respeito ao seu “modo de viver” e a seu futuro como povo e nação.

As dimensões da nova Área delimitada nesta proposta, vai de encontro aos fatores mencionados acima, pois além de englobarem território imemorial Xavante, infelizmente é quase impossível deter o acelerado processo de degradação ambiental na região por outras vias legais – e de forma eficaz promover a abundância dos recursos naturais fundamentais para a sobrevivência dos Xavantes que habitam a região.

Pelos dados do IBGE – Censo Agropecuário 1995/1996, no município de Paranatinga ainda restavam 37 % de vegetação nativa; evidenciando no presente sua importância conservacionista.

Do Ponto de vista econômico, a demarcação desta nova área será concretizada sem afetar a economia e a vida social dos municípios envolvidos, pois a porcentagem de Terras Indígenas nestes é muito pequena.

1.1. VEGETAÇÃO

Apesar do grande impacto negativo e do descaso ambiental que acompanhou e acompanha os modelos de desenvolvimento regional; extensas manchas dos ambientes originais de cerrado e matas ainda permanecem representativos e preservados como refúgios para a fauna e flora – sendo que a paisagem regional e seus ambientes ainda encontram no momento grandes possibilidades e evidências positivas de regeneração.

O Cerrado praticamente dominava toda a área de estudo e região, sendo o segundo maior bioma do país; atualmente recobre aproximadamente 30 % da área delimitada de forma nativa, em outros 10 % da paisagem encontra-se em estágio secundário de regeneração.

A vegetação do Bioma Cerrado apresenta fisionomias que englobam formações florestais, savânicas e campestres. A flora do Cerrado é característica e diferenciada de outros biomas – o uso de espécies vegetais pelos índios é imenso e abrangente, e mesmo as plantas que na prática não apresentam uso direto pelos Xavantes, servem como alimento para animais, aves, peixes e até para abelhas – desta forma, como numa teia ecológica, todos os ambientes e espécies deste bioma estão interligados, sendo ricamente importantes para a vida do povo Xavante.

Formações florestais do Cerrado englobam vegetação com predominância de espécies arbóreas e formação de dossel; sendo as matas ciliares e de galeria que ocorrem associados aos cursos de água existentes na área, principalmente nas margens dos rios Kuluene, Couto Magalhães e seus ribeirões afluentes – dentre as principais espécies arbóreas, podemos citar pelo uso direto Xavante:

Angicos (Anadenanthera spp.), Aroeira (Myracrodruon urundeuva), Ipês (Tabebuia spp), Babaçú (Attalea speciosa), Jatobá (Hymenaea courbaril), Tucum (), Perobas (Aspidosperma spp), Ingás (Inga spp.), Marmelos (Alibertia spp.), Embaúbas (Cecropia sp.), dentre outras.

O Cerradão, que é uma floresta de árvores “retorcidas” típicas do cerrado, aparece em terrenos mais drenados; onde temos a Copaíba (Copaifera langsdorffii), Pindaíba (Xylopia aromatica), Faveiro (Dimorphandra mollis), Pequi (Caryocar brasiliense), Macaúba (Acrocomia aculeata), etc.

Formações Savânicas englobam: - Cerrado Senso Stricto, que apresenta estratos arbóreo e arbustivo-herbáceo definidos.

- Campo cerrado = com árvores mais esparsas;
- Parque de Cerrado = caracterizado pela presença de árvores agrupadas em pequenas elevações do terreno – “Murundus”, geralmente ocorrendo sobre solos encharcados.

Dentre as espécies arbóreas mais frequentes e de uso Xavante, temos:

Araticum (Annona crassiflora), Murici (Byrsonima sp.), Mangaba (Hancornia speciosa), jatobá (Hymenaea stigonocarpa), pequi; e as arbustivas Gabiroba (Campomanesia pubescens), Cajuí (Anacardium humile) e canela-de-ema (Vellozia squamata), e o coquinho (Syagrus spp).

Nas áreas antropizadas, encontram-se plantas invasoras como a Brachiaria decumbens, capim-jaraguá, mata-pasto e capim gordura, muitas das quais exóticas.

Veredas surgem com frequência por toda área de estudo, caracterizando-se pela abundância da palmeira Buriti (Mauritia Flexuosa), importantíssima para os Xavante, em meio a agrupamentos de espécies arbustivas e herbáceas. Ocorrem em locais permanentemente alagados, geralmente junto às nascentes e córregos.

As veredas exercem papel fundamental na manutenção da fauna do cerrado, funcionando como local de pouso para a avifauna, atuando como refúgio, abrigo, fonte de alimento e local de reprodução também para a fauna terrestre e aquática (CARVALHO, 1991).

Nas bordas de suas áreas úmidas ocorrem várias gramíneas nativas, entre elas o capim-navalha, cuja semente é muito utilizada para artesanatos.

Supõe-se que a vereda seja um dos estádios para a formação ou expansão da mata de galeria (LORENZI, 1992).

Frequentemente, por toda paisagem regional, as veredas aparecem como verdadeiros e **únicos “oásis”** no meio à vastidão de terras nuas, plantações de sojas e pastagens – constituindo em muitos casos o único refúgio da fauna / flora silvestre - não fugindo é claro, das constantes ameaças de perturbação e desmatamento provocado pelas fazendas.

Formações Campestres recobrem grandes porções da área estudada, sendo a fisionomia mais extensa em se tratando de vegetação nativa; sendo representadas pelo Campo Limpo, Campo Sujo e Campos de Murundus – devido ao ambiente em que ocorrem, podem ser secos ou úmidos.

Como o próprio nome sugere, estas fisionomias são compostas basicamente por um substrato herbáceo (gramíneas e ciperáceas) e arbustos esparsos; constituindo locais de alimentação natural para herbívoros, aves e tamanduás – desta forma são ambientes importantes para as caçadas Xavante.

Além de muitas de suas espécies vegetais possuem propriedades medicinais e alimentares, sendo comumente utilizadas pelos índios.

1.2. FAUNA

Felizmente, segundo relato de muitos moradores das fazendas e dos assentamentos da região, a fauna silvestre ainda ocorre em abundância – abrigo várias espécies ameaçadas de extinção, como o **Tamanduá-bandeira** (Myrmecophaga tridactyla), o **Lobo-guará** (Chrysocion brachyurus), a **Onça-parda** (Felis concolor), a **Onça-pintada** (Panthera onca), o **Cervo-do-pantanal** (Blastocerus dichotomus) e o **Tatu-canastra** (Pridontes giganteus).

Os próprios Xavantes afirmam constantemente a existência de “muita caça” nas fazendas do entorno da T.I.; nas quais muitas vezes entram pela necessidade de caçar.

A existência da fauna silvestre é fundamental para a sobrevivência física e cultural deste povo; sendo que na área de estudo ainda podem ser encontrados e até visualizados com certa frequência muitos animais, além dos citados acima, como a Ema (Rhea americana), Anta (Tapirus terrestris), Lontra (Lutra enudris), Capivara (Hydrochoerus hydrochaeris), Veado-capeiro (Ozotocerus bezoarticus), Veado-catingueiro (Mazama sp.), Caitetu (Tayassu tajacu), dentre outros.

A região apresenta grande diversidade de aves, e também é extremamente rica em aves aquáticas como o Socó-boi (Tigrisoma lineatum), Garça-real (Piherodius pileatus), Cigana (Opisthocomus hoazin), Curicaca (Theristicus caudatus), Colhereiro (Ajaia ajaia), Cabeça-seca (Mycteria americana), dentre outros.

A ictiofauna é composta principalmente por Jaús, Pintados, Matrinchãs, Cachorras, Trairas, Pirararas, Pacus e Curimatãs.

1.3. RELEVO e SOLOS

A região está inserida num contexto de planaltos e planícies, caracterizados pelo Planalto dos Guimarães, apresentando variações de formas planas a morros residuais côncavos; de forma geral podemos dizer que o relevo varia de suavemente ondulado a ondulado - onde a hidrografia encontra-se bem encaixada em vales largos e pouco profundos, com vertentes pouco declivosas.

A paisagem é do tipo colinar, existindo relações entre inclinações do relevo, vegetação e cursos d'água; variando a altitude entre 600 e 800 metros (GIACCARIA & HEIDE, 1972).

Os solos, na áreas mais planas, em sua maioria são compostos por Latossolos vermelho-amarelos, muito antigos, profundos, pouco férteis e com grande suscetibilidade à erosão.

Nos terrenos próximos aos rios e nascentes, temos solos hidromórficos e solos aluviais mais férteis devido à matéria orgânica provinda da matas galerias; justamente nestes solos que os Xavante fazem suas tradicionais roças de toco, que são a base de sua agricultura. Por serem mais férteis, estes terrenos sustentaram um dia grandes florestas Estacionais e Matas-galeria, hoje substituídas por plantações de arroz e pastagens.

Outras grandes extensões, com relevo ondulado, apresentam solos Litólicos rasos associados com afloramentos de rochas, e Cambissolos mais evoluídos.

Destaca-se também a ocorrência de Areia Quartzosas, que são solos profundos, pouco desenvolvidos, pobres em fertilidade e com alta suscetibilidade à erosão.

1.4. CLIMA

Caracterizado pela presença de invernos secos e verões chuvosos, e classificado como Aw – Tropical chuvoso, pelo sistema de köppen. Possui média anual de precipitação da ordem de 1500 mm, variando de 750 a 2.000 mm (ADÁMOLI ET AL., 1987 citado por RIBEIRO & WALTER, 1.998).

As chuvas são praticamente concentradas de outubro a março, e a temperatura média do mês mais frio é superior a 18 ° C.

Para os Xavante, a estação seca representa o período das grandes caçadas com fogo, e de intensa atividade ritual. O período das chuvas é a época das migrações (*Dzömori*), da coleta, do plantio. Assim, a própria vida dos Xavante é marcada pela estações (GIACCARIA & HEIDE, 1972).

1.5. HIDROGRAFIA

Uma forte e importante característica ambiental da área de estudo, é composta por sua vasta e ramificada rede hidrográfica, que **abrange mais de 600 (seiscentas) nascentes** formadoras de córregos e ribeirões volumosos afluentes da principal microbacia regional – a do Rio Kuluene.

Dentro seus principais afluentes, que serão protegidos por esta proposta de demarcação, podemos citar o Ribeirão Maria e todas suas nascentes e veredas, e igualmente o Ribeirão Xavante, Ribeirão do Peixe, Ribeirão do Boi, Córrego São João, Ribeirão Paraíso e Córrego Grande, que estabelece uma das divisas da área.

A hidrografia local da área delimitada ainda conta com os tributários formadores da microbacia do Rio Couto Magalhães, como o Ribeirão Piranhas, Ribeirão Pedra Preta, Córrego Pato e Córrego Garça; sendo o Couto Magalhães o mais importante afluente do Rio Kuluene na Região.

Além de conter recursos hídricos fundamentais para a sobrevivência das populações humanas (índios e brancos) e da fauna / flora, estes ambientes aquáticos dão suporte físico e possibilitam a existência de extensas áreas úmidas, que por sua vez possuem uma grande riqueza natural, exercendo funções ecológicas essenciais.

Segundo alguns especialistas, o **Rio Kuluene é o principal formador do Rio Xingu**, sendo a Bacia do Xingu considerada a segunda mais importante do Brasil; este fato revela a enorme importância da Terra Indígena delimitada nesta proposta, para a conservação de recursos hídricos, pois condensa e protege o maior número de nascentes e cabeceiras de toda região.

Estudos recentes do WWF, revela que plantações de soja nas cabeceiras, tem acelerado o assoreamento dos leitos dos rios em Mato Grosso do Sul (O ESTADO DE SÃO PAULO, 9/02/2.001); podemos afirmar que esta situação se repete, sendo muito parecida na região de estudo, onde o crescimento do cultivo de arroz colabora para agravar esse quadro.

Importante deixarmos o panorama bem esclarecido: Chegou o momento, meio tardio, de começarmos a PONDERAR com clareza e eficiência os impactos sociais e ambientais das atividades produtivas ditas “modernas”. Em letras maiúsculas, O CERRADO FOI DEVASTADO EM 80 % DE SUA COBERTURA, portanto é incabível continuar com o crime - desmatamento e uso incorreto do solo em tempos “tão avançados”.

Simplificando, certas regiões de fragilidade ambiental, como neste caso de mananciais de água doce, **não são apropriadas** para a prática agrícola ou pecuária intensa.

Estudos de uso e zoneamento agroecológico do solo, como o feito pelo RADAM BRASIL, devem nortear (“ser a cartilha”) a ocupação e a exploração econômica na região, visando diminuir os impactos causados; isto é, existem áreas “mais apropriadas” para a prática agrícola com menos prejuízos para a fauna/flora e recursos hídricos.

1.6. ÁREAS PROTEGIDAS

Em toda a grande e rica paisagem da região, existe uma única e isolada Unidade de Conservação – o **Parque Estadual do Kuluene** – que apresenta pequenas proporções, e infraestrutura mínima de fiscalização para efetivar a conservação da biodiversidade regional. Por esta proposta ficará fazendo limite como a nova Terra Indígena, com benefícios conservacionistas para ambas.

A Legislação Ambiental não é seguida à rigor, sendo praticamente desobedecida em seus parágrafos que tratam de Reserva Legal e Áreas de Preservação Permanente, com frequentes desmatamentos e uso indevido desta áreas protegidas legalmente.

Apesar de “explicitamente” não possuir este caráter e função conservacionista, a nova Terra indígena delimitada, bem como as T.I. Parabubure e Obawawe existentes – transformam-se nas únicas áreas “protegidas ambientalmente”, em proporções significativas para a conservação dos recursos naturais, culturais e paisagísticos da região.

Tabela 2

Porcentagem de áreas com TI e UC dos municípios da região e sua inserção dentro da Bacia do Xingu.

Município	Área total do município (h a)	% com terra indígena ou Unidade Conserv.	% município dentro da Bacia Xingu
Água Boa	1.157.634	0,04 %	45,77 %
Campinápolis	577.571	39 %	73,67 %
Nova Xavantina	575.588	0,87 %	2,48 %
Paranatinga	2.432.466	14 %	81,12 %

Fonte: Instituto Sócioambiental / ISA (2001)

2. ECOLOGIA HUMANA – modo de vida atual do povo Xavante.

Em entrevista pessoal com padre Giaccaria, grande conhecedor da cultura Xavante, em dezembro de 2.000, afirma:

“ A Cultura de um povo é algo dinâmico, que muda com o tempo. Numa cultura de tradição oral, sempre as melhores coisas tendem a se perder com o contato com outras culturas ”

Felizmente o povo Xavante reagiu bem a este contato, e vem reafirmando sua identidade cultural e buscando manter suas tradições. Algumas influências são marcantes e notáveis, mas nenhuma delas atrapalha sua interação física e cosmológica com o ambiente que os envolve e os sustenta durante muitas gerações.

Fica evidente a existência de choques culturais entre as gerações Xavante, principalmente pela fala dos mais velhos “os jovens querem ser modernos”, e nas mudanças de alguns hábitos trazidos pela introdução de elementos manufaturados do “mundo branco” e na necessidade crescente do consumo destes objetos.

Interessantíssima outra fala de Giaccaria:

“ Os jovens de antigamente também não valorizavam sua cultura e não buscavam manter as tradições, mas foram envelhecendo e sentindo a necessidade espiritual de retomar sua verdadeira identidade cultural – tornando-se os velhos que hoje lutam para manter as raízes culturais de seu povo.”

Conclui-se por este relato experiente, que o povo Xavante sempre possuirá um esteio de suas tradições, na figura respeitada dos mais velhos.

Pelo total de 11 aldeias visitadas, que representa 70% das aldeias localizadas na região dos rios Couto Magalhães (*Norõ tsurã*) e Kuluene (*Ö'wara*); pode-se comprovar a continuidade dos costumes tradicionais, a começar pela disposição das aldeias em forma de ferradura – todas voltadas para o curso de água principal (*Panõu*).

As mulheres mais velhas sempre coletam raízes e batatas-selvagens para alimentação e ensinam para as mais novas : **“Nunca vamos deixar de coletar.”**

Em maio comem bolo de milho, feitos com o milho já duro; em setembro pegam *rã'titó*, formiga-rainha, para comer.

Nas épocas de chuva dedicam-se à agricultura e caçam só aos sábados, incorporaram nosso calendário e horários.

Ainda coletam muitas frutas e coquinhos, e sempre se utilizam de plantas medicinais – aprendem a usar as plantas através dos sonhos.

Em época de festas, cada aldeia precisa de mais de 100(cem) brotos de buritis para fazer os enfeites; e uma razoável quantidade de artesanatos são vendidos nas cidades.

As meninas desde criança já acompanham a mãe por todos os lados, aprendendo cedo os árduos trabalhos de mulher.

Comem bastante peixe atualmente, e em algumas aldeias os jovens preferem pescar do que caçar, devido à facilidade dos anzóis.

As caçadas são frequentes em todas as aldeias, e apesar da introdução de armas de fogo, a maioria ainda caça com arco e flecha. Diminuiu-se muito as caçadas coletivas, e as caçadas e coletas familiares (*Dzomöri*) praticamente não existem por falta de espaço, comprometendo parte importante da transmissão de conhecimentos para os jovens.

A carne de caça é muito importante para o mundo Xavante, pois se o xavante não come carne de caça, ele acredita que não sonha – e todo o seu mundo de crenças, cantos, rituais, histórias e ensinamentos importantes – são construídos através dos sonhos.

Na alimentação, apesar da manutenção do costume de se comer muitas frutas, castanhas, milho, carne de caça e peixe, a introdução do arroz trouxe consequências desagradáveis, pois tornou-se a base da alimentação Xavante, debilitando de certa forma a saúde da população.

O principal propósito desta abordagem, foi o de comprovar a manutenção cultural deste povo, pois como afirmado em diversos *Warã*, “ Não adianta só ter a Terra, sem possuir as tradições e sem saber aproveitá-la”; as tradições são a alma do povo Xavante, e ela continua intensamente viva – cabendo aos órgãos competentes a oportuna demarcação de novas áreas.

Na voz de Giacaria:

“ A Terra significa espaço para a expansão populacional e cultural deste povo, espaço para as caçadas e coletas familiares, e retomada de mitos, tradições e histórias antigas”

A última noite de trabalho na aldeia São Pedro soou como um presente: Entardecer colorido pelo forte e belo canto dos *Wapté* e seus padrinhos, que repetido à meia-noite despertou todos os espíritos, transportando os presentes para épocas distantes, de glórias entusiasmos e alegria.

3. ETNOECOLOGIA : Os Xavante e o ambiente regional

Os Xavante gostam do cerrado por sua amplidão, por ser aberto em comparação à floresta tropical ... consideram a mata como uma comodidade (MAYBURY-LEWIS, 1984).

Tratando de seus hábitos semi-nômades, onde faziam constantemente grandes caminhadas de exploração pelo seu território, fica fácil compreender esta citação; além do mais, os Xavantes como grandes caçadores sentem muito mais emoção em perseguir suas presas nos ambientes abertos de cerrado, e “nem o índio mais forte e rijo suporta debater-se contra galhos e moitas de espinhos de uma mata, da mesma maneira que uma anta”.

Segundo MAYBURY-LEWIS (1984): Os xavante não escondem seu profundo desagrado pelos espaços fechados. Chamam-nos *rówastédi* (lugar ruim), e referem-se ao cerrado como *rópetsedi* (lugar bom, bonito), é no cerrado que realmente vivem, construindo suas aldeias sempre em campo aberto. Em resumo: pensam na mata como sendo estranha e feia e desdenham os povos que fazem da mata o seu lugar.

Atualmente, devido à “sedentarização” do grupo, as áreas de mata passaram a ser mais valorizadas, pois constituem-se áreas importantíssimas para a prática agrícola de subsistência, para a conservação dos recursos hídricos e como “criatório” de caças muito apreciadas.

Embora não seja possível perambular mais por grandes extensões de terra como antigamente, os Xavante utilizam cada pedaço das reservas diminutas a que estão circunscritos na procura de vegetais e animais usados na alimentação, nas práticas cotidianas e rituais, agrícolas, medicinais, na elaboração de mitos e principalmente nas concepções cosmológicas que os orientam em suas relações cognitivas e de usos das espécies naturais do ambiente. É a partir destes conhecimentos e significados simbólicos atribuídos aos animais e plantas que os Xavante transformam e “fazem parte” da natureza do cerrado (CARRARA, 1.998).

3.1. OS NOMES, AS PLANTAS E AS MULHERES

A maneira como os Xaxantes compreendem e traduzem a linguagem do mundo natural que os envolve, transparece de forma marcante na denominação dos fenômenos naturais e nos seus próprios nomes, principalmente no das mulheres. Segundo LOPES da SILVA (1.986), são cinco os radicais dos nomes femininos : 'RE (periquito); 'RO'Ó (macaco); PÊ (peixe); TSINÖTSE'E (quero-quero); WAUTOMO (árvore).

- A nomenclatura das espécies vegetais, na sua maioria estão associados a alguma característica :
- 1) frutos – *tōmoti rã rudu* (=fruto amarelo áspero).
 - 2) folhas – *itsu' rowaré* (=folha com espinho seco).
 - 3) madeira – *wede ipré* (=madeira vermelha).
 - 4) propriedades medicinais – *a ma ré* (=resina para tosse).
 - 5) associada a animais – *poozé ò moné* (=chifre de cervo).
 - 6) odores – *wedehu udze* (=galho de cheiro gostoso)

Com relação ao hábito das espécies também ocorrem distinções, identificam: arbusto de fruta (*i'wareire*), de côco ('*rere*), de sombra (*awã*), reto (*awãrã*) e arbusto para fazer corda de pescoço (*dadzadapri'rine*) (MARINON, 1998).

A nomenclatura das plantas e de outros elementos naturais, apresentam um papel importante na cultura Xavante – sendo utilizados como radicais dos nomes próprios femininos; demonstrando a total interação deste povo para com o ambiente regional.

3.2. AMBIENTES IDENTIFICADOS E EXPLORADOS.

Por suas necessidades e hábitos alimentares, materiais e representações simbólicas, os Xavante conhecem muito bem as potencialidades do ambiente em que vivem; identificando com precisão e explorando os vários ecossistemas regionais.

Reconhecem e classificam diversos ambientes, com base principalmente nas diferentes formações vegetais.

Tabela 3

Classificação Xavante dos ambientes e seus usos específicos

A numeração entre parênteses localiza os principais ambientes identificados, em sua área de ocorrência, conforme FIGURA 1.

NOME XAVANTE	AMBIENTES	USOS ESPECÍFICOS
<i>Itehudu</i> (1)	Campo cerrado	Caça e * coleta (frutos, ovos, raízes, medicinais, lenha)
<i>Amhu</i> (2)	Cerrado	Caça e coleta
<i>Tsirã'pré</i>	Campo cerrado sobre solo vermelho/cascalho	Caça e coleta
<i>Ró'warã</i> (3)	Campo limpo	Caça e coleta medicinais
<i>Marã</i> (4)	Mata	Caça (anta e porcos do mato), coleta,** extração de madeira, mel / cera de abelhas e agricultura
<i>Si'nō</i> (5)	Mata de cabeceiras	Caça e coleta
<i>Sinō'wae</i>	Mata galeria bem fechada	Caça, coleta, extração e agricultura
<i>Marã'zaide</i> (6)	Cerradão	Caça, coleta, extração
<i>Sipiti'marã</i> (7)	Mata galeria	Caça, coleta, extração
<i>Tessi'marã</i>	Mata de morro	Caça, coleta, extração
<i>Ubratanã</i>	Mata suja de taboca (babuzal)	Caça e extração (matéria-prima p/ flechas, peneiras e casas)
<i>Brudú</i>	Capoeira velha (área de roças abandonadas)	Agricultura
<i>Sinō u wawe</i>	Capão de mata de brejo	Caça e coleta
<i>Pá'nãsi</i>	Mata-ciliar (beira de rio)	Caça, coleta, extração
<i>Sadarã</i> (8)	Áreas úmidas alagáveis com campos de murundus	Caça e coleta de plantas medicinais
<i>Isō'upá</i> (9)	Áreas alagadas permanentes	Área de caça de cervos e veados.
<i>Terãirê</i> (10)	Morros (serra)	Serra de coleta ancestral de jabutis
<i>Tepá'údu</i>	Morros onde ocorre um cactus pequeno – údu	Coleta de jabutis e medicinais
<i>Tiriwatasu'á</i> (11)	Beiradas de várgeas	Caça e coleta
<i>Uiwêde'hu</i> (12)	Buritizal	Caça, coleta (frutos e palhas), extração de toras de buriti
<i>Uiwêdenã'rada</i>	Cabeceiras com buritis	Caça e coleta
<i>Ö'wawe</i>	Rios	Banho e pescaria

<i>Pú</i>	Lagoas	Pescaria
<i>Õ'pá</i>	Córregos	Água para beber, banhos, rituais e pesca
<i>Õ'á á</i>	Cachoeiras	Banhos, rituais

* coleta (=frutos, folhas, côcos, raízes, batatas, lenha, palhas, medicinais, palmitos)

** extração (= madeira p/ casas, bordunas e pilões; mel e cera de abelhas)

Certos ambientes, como as áreas alagadas denominadas *Isõ'upá*, merecem atenção diferenciada, pois são referências quase que “mitológicas” dentro da área estudada. Portanto, nem sempre todo ambiente semelhante recebe a mesma denominação.

Um dos principais ambientes de *Isõ'upá* referidos, localiza-se na área Quatro em sua porção norte, este ambiente é descrito como sendo uma importantíssima região de caça utilizada pelos antepassados; por se tratar de uma extensa área alagada com pouca profundidade é tida como um ambiente que não oferece perigo, já que as lagoas profundas são habitadas pelos *U'utede'wa* (maus espíritos) – sua característica natural, favorece o aparecimento de gramíneas, tornando-se pasto natural para animais silvestres – principalmente para os grandes cervos que praticamente são avistados apenas nestes ambientes e para os demais cervídeos. Sendo um campo limpo alagado, facilita a caçada e o cerco aos animais, agradando muito aos índios; também é referida como áreas de criatório de jacarés, botando seus ovos nestes lugares; os *Aihö're* (jacaré) são considerados espíritos bons e generosos – “dizem que foram eles que lhes deram várias qualidades de alimento e curaram diversas doenças do povo Xavante”.

Sua existência é tão simbólica e importante, que toda a região é denominada de *Isõ'upá*.

Σ FOTOGRAFIA 1 : vista do *Isõ'upá* (vide anexo 1).

3.3. IMPORTÂNCIA e o SIGNIFICADO da ÁGUA

Os xavante têm orgulho de seu patrimônio cultural, muito rico e não totalmente conhecido por nós. Cultivam-no com carinho e nota-se que suas cerimônias são orientadas por uma idéia central: o culto da vida e da fecundidade (GIACCARIA, 2.000).

Para os Xavante, a água não é apenas elemento essencial à sobrevivência, encerra também valor simbólico; onde o banho possui muita importância, e é considerado um ato rico de significados e de efeitos mágicos.

A “água viva” dos grandes rios, assim como a “água morta” das grandes lagoas, é povoada por espíritos. Nos rios habitam os espíritos bons espíritos, os *Õtede'wa* e, nas lagoas, os maus, denominados *U'utede'wa*.

Conta uma lenda que os *U'utede'wa*, querendo raptar as mulheres xavante, fizeram muitas cabaças boiarem na superfícies do lago. Quando as mulheres viram, quiseram alcançá-las á nado, mas os maus espíritos, com redemoinhos, as atraíram para o fundo, para suas habitações (GIACCARIA, 2.000)

Segundo este mesmo autor, a palavra *Mro* (banho) indica o matrimônio. Portanto, o banho não se reduz ao simples contato da água com o corpo, mas significa a união íntima e eficaz que ela proporciona ao ser humano. Assim que nasce, o Xavante recebe o primeiro banho imediatamente após de ter cortado o cordão umbilical – “serve para fazer a criança crescer forte e bela”.

O banho, e assim por dizer: a água, é parte integrante da maioria dos rituais e cerimônias Xavante, estando presente em todos os rituais de iniciação – um exemplo marcante, é o banho que se estende por um mês antes do ritual de iniciação masculina: a perfuração das orelhas; onde os *Wapté* passam o dia inteiro dentro da água durante este período.

De tudo isso se depreende que a água corrente, a água viva, tem para os Xavante um rico simbolismo. É fonte de vida, força e beleza (GIACCARIA, 2.000).

Trazendo estes relatos para a realidade atual, fica evidente a importância da conservação da “pureza” das águas para a saúde física e espiritual do povo Xavante, tanto que eles nunca ocupavam os mesmos córregos ou rios para fixarem suas aldeias.

Com o crescimento populacional, as aldeias vêm se multiplicando com certa frequência, sendo motivo de preocupação a escolha de novas áreas onde o povo possa viver com saúde e abundância.

Interessante é o fato atual dos Xavantes reconhecerem e valorizarem a importância do aspecto conservacionista das matas, principalmente no que se refere à proteção das cabeceiras, recursos hídricos e pesqueiros. “**Os rios estão secando, a água tá ficando suja e poluída, os peixes tão sumindo**” são termos frequentes em seus discursos.

Costumam afirmar, e com razão que os fazendeiros não respeitam as nascentes “**passam o trator por cima**” e usam muitos venenos (agrotóxicos) nas lavouras que “**envenena a terra e os rios**”.

Sabem com clareza, da degradação ambiental provocada pela má exploração das terras ao redor de suas reservas e com todo razão reivindicam o direito de “cuidarem” dessas terras e águas para seus netos; pois são eles e “ela” que garantirão a perpetuação cultural de seus antepassados.

Σ FOTOGRAFIA 2 : meninos imitando ritual de iniciação (vide anexo 1)

Como em nossa sociedade, um ambiente degradado só pode gerar uma sociedade nociva e também degradada – a demarcação destas áreas permitirá com que a natureza trabalhe de forma positiva, sem muitas interferências, tanto restabelecendo com vigor seus ambientes, como devolvendo a dignidade cultural ao povo Xavante que habita estas regiões.

Em outras palavras, se a natureza morre o povo índio morre junto com ela, e nós gradativamente junto com ambos.

3.4. TEDE'WA – Donos Xavante de elementos da natureza.

Segundo GIACCARIA & HEIDE (1972), além do chefe político existem outros “chefes” com tarefas precisas a cumprir; são os chamados “donos” – os *Tede'wa*, que possuem “propriedades” de determinadas espécies animais e vegetais, fenômenos da natureza, ornamentos corporais e objetos cerimoniais.

Os *Tede'wa* possuem funções e conhecimentos específicos dentro do grupo; ocupando papel de destaque em festas, caçadas e cerimônias. Sendo que tais conhecimentos e objetos cerimoniais são utilizados como forma de “agrado” entre os clãs.

Wamaritetde'wa (dono do wamari – árvore que possui a propriedade de fazer sonhar) tem a atribuição principal de sonhar e, em ocasiões particulares, prever o futuro através de sonhos.

Wahubtede'wa (dono do tempo) – controlar o tempo, fazendo com que não chova durante o tempo da seca; também tem poder sobre os raios.

Utötede'wa (dono da anta) – tem a função de chamar as antas para que os homens consigam caça-la: “na grande caça, na noite que precede o dia da queimada, ele senta-se no *warã* do acampamento de caça e canta *utötede'wanhôre* (um canto fixo), enquanto os outros imitam o assobio da anta. No dia seguinte, executado o canto *rāymé*, ele vai á caça com os outros e lança no fogo um pó tirado dos frutos que a anta come, *aõ* (jatobá) e *itsiuwaréné*, para que ala saia do seu esconderijo.”

Uhötede'wa (dono dos queixadas) – conhece em profundidade os comportamentos do animal sobre o qual detêm poderes mágicos.

Wahitede'wa (dono da cobra) – além de conhecer bem as espécies de cobra, cultiva plantas medicinais que curam picadas de cobra.

Tsimiötede'wa (dono do veneno) – pode enfeixar inimigos por intermédio de seu conhecimento de espécies naturais e ritos específicos.

Em relação às espécies animais ainda podem ser citados *Hu'utede'wa* (dono da onça), *Patitede'wa* (dono do tamanduá) e *Ritide'wa* (dono dos gafanhotos). Como os anteriores, estes donos não só possuem conhecimentos detalhados do comportamento deste animais, como exercem funções rituais que orientam a ação Xavante de transformação simbólica e material de plantas e animais do cerrado (CARRARA, 1998).

A existência destes dons e conhecimentos aprimorados, vêm a confirmar a profunda interação e dependência do povo Xavante para com o ambiente natural, a partir do qual constrói sua concepção cosmológica de existência, elaborando através do “sobrenatural” práticas e habilidades que facilitam sua vida cotidiana ao mesmo tempo que a transformam em algo “mágico”, demonstrando a real interdependência entre os mundos no qual estão inseridos.

4. ETNOBOTÂNICA: conhecimento e uso de plantas medicinais

Apesar do contato com a medicina alopática, o uso de plantas medicinais sempre está presente na rotina cotidiana das aldeias; onde em todas as 11 aldeias pesquisadas ficou comprovado a utilização de plantas e preparados medicinais pela população índia – afirmam precisar de médicos e de remédios do “branco”, só quando os casos são mais graves, ou por não conhecerem a cura para certas doenças mais recentes, advindas dos sucessivos contatos com os *Warazú* (brancos).

Felizmente, até as mães mais novas afirmaram ainda utilizar de plantas medicinais e do conhecimento dos “curadores” para tratar de seus filhos e que confiam no poder de cura destes tratamentos “**remédio de branco não cura não, só faz melhora, mas não cura**”, dizem os mais velhos.

Cada aldeia ou grupo doméstico possui um *Dawede’wa* (curador), que detêm maior conhecimento e poder sobre as plantas medicinais, geralmente são os homens mais velhos, que já pertencem a uma linhagem de “curadores”; sendo que seus conhecimentos de plantas, uso e tratamento de doenças são compartilhados por sua esposa, que também está autorizada a empregá-los.

Segundo CARRARA (1998), cada *Dawede’wa* dos vários grupos domésticos da aldeia conhece plantas medicinais específicas que outros *Dawede’wa* não conhecem, e por esta razão, uma mesma doença pode ser tratada com plantas diferentes, tornando o remédio ainda mais eficaz (segundo os Xavante), uma vez que pode unir os conhecimentos dos curadores.

Este conhecimento é considerado secreto (*tsimi’uripê*) e somente aos parentes de mesma ascendência patrilinear, à exceção da esposa pode ser transmitido, pois do contrário o remédio perde sua força e poder de cura.

Interessante ressaltar que ocorre na cultura Xavante, um maior compartilhamento dos conhecimentos, não existindo senhores ou “pajés” donos absolutos destes.

O senhor Roberto, índio antigo e *Dawede’wa* da aldeia Córrego da Mata, afirmou aprender a utilizar a maioria das plantas medicinais através de sonhos: “**sonho com a planta, e vou experimentando até acertar a maneira certa de usar**”.

Durante as caminhadas, com o GT, sempre procurava alguma planta medicinal para demonstrar seu uso, e frequentemente voltava trazendo cascas, galhos, folhas ou raízes de alguma planta, dizendo ser rara e difícil de encontrar; mantendo reservas destas em sua casa para casos de emergência.

CARRARA (1.998) também cita que os *Dawede’wa* recebem seus conhecimentos através de seus antepassados, pelos sonhos.

Os modos de uso são os mais variados possíveis, desde emplastos, fumaça, escarificações na parte afetada até cordinhas e partes da planta amarradas no corpo.

“Xavante antigo fazia milagre mesmo, hoje ninguém mais acredita”

Σ FOTOGRAFIA 3 : *Dawede’wa* em plena atividade (vide anexo 1).

Tabela 4

Principais plantas medicinais citadas e seus ambientes de ocorrência

NOME XAVANTE	AMBIENTES	UTILIZAÇÃO
<i>A'õ</i> (jatobá)	Mata (marã)	Raiz serve para diarreia
<i>A'õ'õire</i> (jatobá)	Cerrado (amhu)	Raiz para diarreia
<i>Uhãtete'pá</i>	Cerrado	Dor de estômago
<i>Uminiãsinhorõurezê</i>	Cerrado	Gripe forte / dor garganta
<i>I'subzadzê</i>	Cerrado / campo	Pneumonia
<i>Darãzewêdê</i>	Cabeceiras (si'nõ)	Dor de cabeça
<i>Wessui'rê</i>	Campo (itehudu)	Febre
<i>Dazadatówêdezê</i>	Campo	Febre alta
<i>Dazadawarêwêdezê</i>	Campo	Dor garganta
<i>Da'hizewêdezê</i>	Campo	Dor joelho / inchaço
<i>Isitorou're</i>	Campo	Gonorréia / febre
<i>Weteparê</i>	Campo	Feridas
<i>Issui'rê</i>	Campo	Uso medicinal não revelado
<i>'re rê</i>	Campo	Vômito (amarra cordinha)
<i>Usuimiuzê</i>	Campo	Medicinal não revelado
<i>I'pá</i>	Cerrado (amhu)	Medicinal não revelado
<i>Issuarê</i>	Sadarã (brejo)	Febre / dor cabeça
<i>'Rãwede</i>	Mata (marã)	Febre alta / dor cabeça
<i>Zara'ê</i>	Campo	Pneumonia
<i>Nõ zãmãwã prã né</i>	Sadarã	Micose
<i>Utepara'né</i>	Cerrado	Malária
<i>We</i>	Cerrado	Queimadura
<i>Widerãi'rê</i>	Cerrado	Ótimo para diarreia
<i>Wê deuwaúzê</i>	Cerrado	Raiz para vermes (foto)
<i>Datóptó bdzé</i>	Cerrado	Tosse
<i>Poozê õ moné</i>	Campo (itehudu)	Contra cansaço
<i>Wetepá'uara</i>	Mata-ciliar (pá'nãsi)	Proteção contra doenças
<i>Wedehu'uzê</i>	Mata (marã)	Esquentar o corpo
<i>Isorõ'uzê</i>	Mata	Resfriado
<i>Isu'pá</i>	Mata-ciliar	Dores no corpo
<i>Apsi</i>	Mata-ciliar	Febre (amarra no pescoço)
<i>U ru'wõ</i>	Mata	Vômito (amarra no pecoço)
<i>Wede nhorõ tóptsupó</i>	Mata	Força (amarra cordinha)
<i>Wede'u</i>	Mata	Coragem / força
<i>Itsõ rõ hudu</i>	Cerrado	Coragem
<i>Upanho'ssi</i>	Mata	Fazer amizades / proteção
<i>Wedeu'a' rê</i>	Cerrado / campo	Picada de cobra
<i>Umnhi'ãtsi</i>	Campo	Medicinal
<i>Nhõrõ' u' redzé</i>	Campo	Medicinal
<i>Wede'uwwahõ</i>	Campo / cerrado	Esfriar o corpo / febre
<i>Tã'wapsá</i>	Campo/ cerrado	Ritual - espanta chuva forte
<i>Wetepá, rê</i>	Mata-ciliar	Ritual – espanta chuva

Σ FOTOGRAFIA 4 : o cobaia dos “curadores” (vide anexo)

5. ETNOZOOLOGIA : conhecimento sobre animais e aves.

Não só a atividades de caça como os próprios “animais de caça” ocupam posição de destaque no conhecimento Xavante da natureza. Este fato pode ser notado quando examinamos a classificação de animais que são por eles considerados caça e estão incluídos numa categoria abrangente – *Abade nōri* – “animais de caça” (CARRARA, 1.998).

A maioria dos caçadores e principalmente os “donos” (*tedewá*) possuem um refinado conhecimento dos hábitos da cada espécie caçada, seus alimentos e habitats preferidos e reconhecem facilmente suas pegadas.

A partir da diversidade de animais silvestres que habitam os ambientes do cerrado, fica fácil compreender a dimensão e riqueza do conhecimento sobre os “bichos”, sejam eles pequenos ou grandes mamíferos, répteis ou aves.

CARRARA (1.998), lista mais de 45 espécies diferentes de mamíferos classificados e utilizados pelos Xavante, além de 20 espécies de répteis.

Também em estudos na Reserva São Marcos, registrou 237 nomes Xavante para espécies diferentes de aves; sendo algumas utilizadas como alimentação e a maioria têm suas penas empregadas na confecção de flechas, ornamentos corporais e instrumentos cerimoniais.

Este nomes Xavante de animais e plantas fazem parte dos sistemas ênicos de classificação do meio natural e são parte indissociável da ação social indígena de transformação dos elementos naturais em alimentos, cultura material e símbolos (presentes nos rituais e mitos) por meio do pensamento e da produção econômica (CARRARA, 1998).

Faz-se necessário pesquisas e estudos etnozoológicos mais detalhados, que possibilitem uma maior compreensão deste profundo universo Xavante.

6. ATIVIDADES PRODUTIVAS:

A maneira pela qual os Xavante fazem uso de um ambiente aparentemente tão pobre, tirando seu sustento e satisfazendo suas necessidades, é um dos aspectos de sua vida que impressiona forçosamente qualquer observador.

Em resumo, a vida dos Xavante era tão bem adaptada a seu ambiente que, mesmo já em 1958, um visitante ficava com a impressão de abundância e eficiência em sua aldeias que contrastava intensamente com a sensação de pobreza e inadequação transmitida pelos vilarejos da população não-índia do Brasil Central (MAYBURY-LEWIS, 1984).

O processo sucessivo de forçosa “sedentarização” do grupo, o intenso contato com a civilização, os projetos da Funai e a introdução de produtos manufaturados, trouxeram algumas mudanças na maneira de viver e de explorar o ambiente em que vivem.

Comprovadamente, estas mudanças e influências ainda são superficiais em se tratando de uso dos recursos naturais, sendo que a forma de subsistência e economia Xavante baseia-se quase que totalmente na caça, pesca, coleta, agricultura e produção e venda de artesanatos. Em outras palavras, **dependem imensamente do ambiente em que vivem para continuarem existindo física e culturalmente.**

Importante ressaltar, que as principais mudanças estão se dando no âmbito simbólico/ cultural, e na “maneira” de exploração dos recursos naturais; porém os Xavante dificilmente vão diminuir ou deixar de explorar intensamente os ambientes do cerrado.

6.1. CACA

Para os Xavante, as caçadas representam a principal atividade desenvolvida pelo grupo, e sempre ocuparam papel de destaque em todas as conversas e discussões.

Impressionante ouvir um caçador descrever com precisão sonora suas caçadas, e mais impressionante ainda observar a disposição e competência de um velho caçador de 85 anos correr “feito doido” cerrado adentro, na busca ou captura de alguma presa, mesmo que ela for apenas um pequeno tatu.

Conversam longamente a respeito de onde determinado animal foi visto e todos os detalhes do rastreamento e da morte do animal, do ponto exato onde penetrou a flecha fatal, em que ângulo e com efeito (MAYBURY-LEWIS, 1984).

A alegria estampada no rosto e nos gestos de um velho caçador da Aldeia Córrego da Mata, seu Saul, ao relatar “com muitos sons” que matou naqueles dias um tamanduá-bandeira com uma única flechada, é algo memorável.

Caçar, portanto, “é o meio mais comum de expressão da virilidade masculina”, pela demonstração de resistência, força, coragem, rapidez e agilidade.

Normalmente, todo caçador fica sem beber água durante as caçadas e come muito pouco, dizem que é para atrair as presas e manter certa “relação mística” com os animais – uma forma de permissão e sacrifício para abatê-los.

A **importância da caça** não está apenas no seu valor alimentar nutricional, como principal fonte de proteínas, mas também no âmbito das representações; sendo utilizada nas prestações políticas entre os clãs, como presente nas relações sociais e indispensável nas trocas cerimoniais, festas e rituais.

Σ FOTOGRAFIA 5: caçador em atividade

Interessantíssimo, é a afirmação: “se o **Xavante não comer carne de caça, ele não sonha**”. E toda a construção de seu mundo simbólico e cotidiano é concebida através dos sonhos - músicas, danças, rituais, mitos, plantas medicinais, cura de doenças, lugares bons para novas aldeias, etc...

Segundo MAYBURY-LEWIS (1984), os Xavante, antes do contato, ficavam pouco tempo nas aldeias pois sempre realizavam expedições de caça e coleta pelo cerrado; e os planos de uma caçada comunitária (*hõnono*) eram discutidos durante vários dias e com antecedência pelo *Warã* (conselho dos homens maduros).

Portanto, não é somente em ocasiões cerimoniais, como o casamento, o *danhono* (iniciação masculina) ou *datsiwãiwére* (ritual de cura), que realizam expedições de caça; frequentemente realizam caçadas individuais ou de duas e três pessoas.

Durante a estação seca, nos meses de junho a setembro, as caçadas coletivas são mais intensas, onde ritualisticamente utilizam o fogo (*du*) como estratégia de caça; na estação úmida realizam caçadas individuais nas proximidades das aldeias, e nas matas das fazendas vizinhas à procura de antas e porcos-do-mato.

Segundo PAULA em relatório de 1997, os Xavante classificam as caçadas de acordo com sua finalidade:

HÕMONÕ : caçada coletiva que envolve a maior parte dos homens da aldeia, geralmente feitas no fim da estação seca, durando uma semana em média. A técnica consiste em buscar e seguir o rastro dos animais.

ABÁ : caçada curta, de apenas um dia, feitas em qualquer época do ano – preferencialmente em áreas de mata.

DÚ : caçada coletiva de apenas algumas horas, que utiliza a queimada como técnica para se obter o melhor resultado possível. Envolve ainda uma série de ritos propiciatórios (GIACCARIA & HEIDE, 1.972), com a participação dos “donos” dos animais e do “dono do tempo”.

DABATSÁ : caçada realizada com o exclusivo fim cerimonial de celebrar um casamento, em qualquer época ou local. Para ela são convidados os parentes dos noivos.

ITESERE : caçada para cerimônia de casamento, todavia só é utilizada quando é necessário a realização de uma cerimônia rápida.

DZOMÖRI : é uma verdadeira migração, nele participa toda a família, sendo os caçadores acompanhados de suas mulheres e filhos, genros e agregados das famílias. Atualmente, a sua duração é mais curta, cerca de duas semanas; porém antigamente, duravam meses. Realizada durante o período das chuvas, sua principal função era a de manter a família em épocas de escassez.

Citando os importantes estudos de MAYBURY-LEWIS (1.984) e GIACCARIA & HEIDE (1.972): Tradicionalmente semi-nômades, os Xavante exerciam um sistema de rotação nas caçadas e expedições de coleta. Originalmente possuíam as “caçadas familiares”, ficando até dois meses distante da aldeia. Estas caçadas familiares não serviam apenas para coleta de caça, mas também de frutas, castanhas, raízes, plantas medicinais, peixe, mel, tartarugas e seus ovos, etc. Um aspecto essencial destas caçadas era o treinamento dos adolescentes na procura e coleta de produtos naturais e conhecimento do seu território.

Como o verificado em 11 (onze) aldeias, as caçadas ainda continuam em evidência; mas as caçadas familiares (*dzomöri*), essenciais à sobrevivência física e cultural do grupo e importantíssimas para o treinamento e amadurecimento cultural dos jovens, praticamente não existem mais.

Pelas declarações, podemos comprovar que falta treinamento para os grupos de jovens, em se tratando de conhecimento de seu território, exploração dos recursos naturais e habilidade com técnicas de caça - devido principalmente à falta de espaço para as caçadas familiares que era um dos principais veículos para a transmissão ancestral destes conhecimentos.

LEEuwENBERG et alli (1994), que estudou sistematicamente o manejo de caça na Reserva Xavante de Pimentel Barbosa, também afirma: Atualmente é claramente observado que falta um treinamento intensivo para os grupos de jovens.

Em entrevista durante o GT, os velhos índios comentam : **“Antigamente, depois da plantação saía-mos com toda a família para festejar, esperando as plantas das roças crescerem; andava-mos longe, durante muitos dias e por todos os lugares, à procura de caça, raízes e frutos, e ensinando os mais novos a viver e conhecer os segredos do cerrado.**

Hoje não tem mais espaço pras caminhadas e caçadas longas, tudo está tomado por fazendas, e os fazendeiros não deixam caçar como antes”

“Nós caminhava-mos por toda esta área, e a queremos de volta ! “

Normalmente, eram construídos acampamentos duradouros para abrigar as famílias durante o *dzomöri*, sendo usados em várias temporadas. Fato, é que muitas vezes falecia algum membro da família, que era sepultado no local dos acampamentos; tomando estes lugares referência e algo “sagrado”. Atualmente, a maioria destes lugares estão ocupados por fazendas, e os velhos referem-se a eles com grande insatisfação, pois os entristece muito verem estes lugares arados por tratores – sinal de desrespeito.

Estes depoimentos e fatos, mostra uma das importâncias e a real necessidade da nova área reivindicada neste processo, pois engloba áreas ancestrais de caçadas familiares.

Dizem que “as mulheres sentem fome de carne de caça (*mrandi*) e ficam com os olhos ardendo enquanto os maridos ou genros não trazem.”

Ainda utilizam o arco e a flecha mais que as armas de fogo, e em se tratando de animais caçados, por ordem de importância consideram a anta, o queixada, o caititu, o cervo, o vedo, o tamanduá e o tatu.

Tabela 5

Composição de coleta de caça (1.991 a 1.993) – T.I. Pimentel Barbosa.

ESPECIES	% total
Porcos-do-mato (queixada e Caititu)	48 %
Tamanduás	20 %
Cervídeos	14 %
Tatus	11 %
Antas	4,5 %
Outros	2,5 %
	N = 1.703

Fonte: Leeuwenberg (1994)

Nas cerimônias de casamento obrigatoriamente a carne de anta tem que estar presente “sem carne de anta fica feio”; como também o tamanduá, o porco-do-mato, e o veado.

Algumas aves também são caçadas para o consumo, como as emas, os jacus, os mutuns e a perdiz.

Para os adornos e artesanato, caçam algumas aves para retirar as penas como a ema, a seriema, o papagaio, as araras, os periquitos, o gavião, o urubu-rei; e geralmente as crianças são incumbidas da tarefa de caçar as aves menores.

Segundo GIACCARIA & HEIDE (1.972), outros animais também caçados com objetivo utilitário ou ritual são: a onça-pintada (o caçador muda seu próprio nome), a onça-parda (osso para furação de orelhas), o veado (chocalho de unhas, couro), serpentes (feitiçaria), queixada (osso para furar sementes) cotia (osso para formão) e lagartos (rabo para enfeite de flecha).

Um velho índio da Aldeia Estrela, o senhor Bil (*Tseretsuire*), comentou com muito orgulho e empolgação, que no seu tempo de criança, eles eram proibidos de comer carne de algumas caças, e que certa vez seu avô estava assando uma onça e ele sorratamente roubou a cabeça e foi comer escondido – os velhos ficaram assustados, pensando que fosse feitiçaria.

Este comentário, denota a importância simbólica de certas espécies de caça para os Xavante, pois são marcos históricos na vida deles.

Seu Bil exclamou depois da fotografia: “ escreve na foto que aí está o menino que roubou a cabeça de onça que seu avô estava assando”.

Σ FOTOGRAFIA 6: seu Bil para a posteridade Xavante !

Desta forma, as caçadas, mais que uma atividade econômica, constitui-se numa atividade social. Nelas são ativados praticamente todos os mecanismos de representação, como os grupos de idade, as relações de parentesco, as instituições políticas; os mecanismos de redistribuição e não-diferenciação; além de fazerem um elo com o mundo mítico/religioso. As caçadas atualizam a tradição e as formas próprias de organização social dos Xavante (PAULA, 1997).

Tabela 6

Fauna silvestre utilizada como principais espécies de caça.

NOMES POPULARES	NOME XAVANTE	CIENTÍFICO
Anta	<i>Uhödo</i>	<i>Tapirus terrestris</i>
Veado-mateiro	<i>Poné</i>	<i>Mazama americana</i>
Veado-catingueiro	<i>Ponéere</i>	<i>Mazama gouzoubira</i>
Veado-campeiro	<i>Poodzé õ moré</i>	<i>Ozotocerus bezoarticus</i>
Cervo	<i>Aihö</i>	<i>Blastocerus dichotomus</i>
Caitetu	<i>Uhö</i>	<i>Tayassu tajacu</i>
Queixada	<i>Uhö</i>	<i>Tayassu pecari</i>
Tatu-canastra	<i>Warã wawe</i>	<i>Priodontes giganteus</i>
Tatu-galinha	<i>Warãhudu</i>	<i>Dasyopus septencinctus</i>
Tatus (diversos)	<i>Warãre</i>	
Onça-pintada	<i>Hu</i>	<i>Panthera onca</i>
Onça-parda	<i>Atsada'a</i>	<i>Felis concolor</i>
Tamanduá-bandeira	<i>Padi</i>	<i>Myrmecophaga tridactyla</i>
Tamanduá-mirim	<i>Patire</i>	<i>Myrmecophaga tetradactyla</i>
Paca	<i>Ra'wa</i>	<i>Agouti paca</i>
Cutia	<i>Dzohurure</i>	<i>Dasyprocta agouti</i>
Capivara	<i>Ubdö</i>	<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i>
Preá		
Ema	<i>'Mā</i>	<i>Rhea americana</i>
Perdiz	<i>Wi'i</i>	<i>Rhynchotus rufescens</i>
Mutum	<i>A'rã'ru</i>	<i>Crax fasciolata</i>
Jacú	<i>A á pré'pá</i>	
Pato do mato	<i>Mā'u</i>	<i>Cairina moscata</i>
Seriema	<i>Wa'ridi</i>	<i>Cariama cristata</i>
Araras / papagaios		<i>Psittacidae</i>
Tucanos		<i>Ramphastidae</i>
Gaviões		<i>Falconidae / accipitridae</i>
Pombas		<i>Columbidae</i>
Jabuti	<i>U'ã</i>	<i>Geochelone sp.</i>

6.1.1. Importância da caça como fonte de alimentação:

Através de observações diretas foi estimado que a fonte principal de proteína animal do povo Xavante é a caça, consistindo em aproximadamente 85-90 %. O gado é raramente consumido. O restante da proteína animal consumida consiste em peixes, tartarugas e ovos (LEEUEWENBERG, 1.994).

A queixada, o caititu, o veado-campeiro e o tamanduá-bandeira são as principais fontes de biomassa.

Tabela 7

Biomassa de carne de caça por grupo de animais

GÊNEROS	% do total
Tayassuidae (porcos-mato)	30 %
Cervidae (cervos e veados)	29 %
Myrmecophagidae (tamanduás)	19 %
Tapiridae (anta)	18 %
Dasypodidae (tatus)	2 %
Outros	2 %

Fonte: Leeuwenberg (1.994)

Os Xavante aproveitam 65 % do peso bruto de cada animal. Os crânios são quebrados para consumo do cérebro e para aproveitamento de toda carne da cabeça (LEEUEWENBERG, 1994).

Fato comprovado, é que a quantidade de caça existente na T.I. Parabubure, é insuficiente para garantir a quantidade mínima de proteína animal necessária à plena sobrevivência da população indígena.

“Povo adoecendo muito por falta de carne de caça na comida, carne de vaca não é boa e comida do branco é muito fraca” Miguel (Ahö pö re)

Durante uma semana de permanência na Aldeia Córrego da Mata, pode-se acompanhar a coleta de caça, os animais abatidos e os locais de captura.

- 1 tamanduá-bandeira TM perto da aldeia – dentro da T.I.
- 1 anta TM matas da Faz. Novo Mundo
- 2 queixadas TM matas da faz. Novo Mundo
- 2 emas TM faz. Xavantina

Esta aldeia abriga umas 120 pessoas, sendo assim, esta caçada foi suficiente para suprir a necessidade protéica da comunidade por uma semana; mas quase que a totalidade da coleta de caça foi obtida fora da área da T.I.

Em outras aldeias visitadas, a quantidade de coleta de caça foi bem pequena, pois alegam que as melhores áreas de caça estão muito distantes e dentro das fazendas; é unanimidade a afirmação dos caçadores: **“Precisamos sempre sair fora da Reserva para caçar”**.

Tratando-se da IMPORTÂNCIA NUTRICIONAL para os Xavante, analisemos:

- A medicina indica um consumo diário mínimo de 60 a 70 g de proteína.
- Smith (1.976) admite que a carne de caça possui 20 % de proteínas.
- 65 % do peso bruto da caça é aproveitado (Leeuwenberg, 1.994)

O consumo proteico indicado por quilo de peso corporal, segundo critério divulgado pelo W.H.O. é de 0,70 gramas (SMITH, 1976 citado por LEEUMENBERG, 1994).

Admitindo-se no presente, que aproximadamente 40 % das necessidades diárias de proteínas dos Xavante vêm de outras fontes (peixes, castanhas e vegetais), ainda necessitariam de 200 gramas de carne de caça por dia para complementar sua dieta – como aproveitam 65% do peso bruto de cada animal, temos um total necessário de 350 gramas de biomassa de caça / dia / indivíduo – num total anual de 120 quilos por indivíduo adulto.

Este “bom padrão alimentar”, em torno de 250 g de carne de caça / dia, foi encontrado na Reserva Rio das Morte em 1993, por pesquisas de LEEENBERG.

Pela estimativa populacional de Parabubure, para a região do Kuluene e Couto Magalhães, de 3.000 índios; e considerando-se uma média entre adultos e crianças } aproximadamente **300.000 Kg.** de biomassa de caça são necessários por ano.

6.1.2. Coleta Potencial e Sustentabilidade

Para garantir este volume, a coleta de caça potencial exige uma área mínima, que possibilite sua **sustentabilidade natural** - baseado em pesquisas de ROBINSON & REDFORD (1.991), que estudaram a coleta potencial de caça na Amazônia, a área mínima necessária à sustentabilidade das principais espécies de fauna cinegética (caça) neste caso Xavate } **ultrapassaria 1.000.000 hectares** contínuos de Reserva – facilmente !

Tabela 8

Coleta potencial de caça e peso médio das principais espécies.

ESPÉCIES	COLETA POTENCIAL	
	Indivíduo / 100 h a / ano (Robinson & Redford)	PESO MÉDIO (Emmons, 1990)
QUEIXADA	0,83	35 kg
CAITETU	2,41	25 kg
ANTA	0,03	230 kg
Veado-mateiro	0,67	40 kg
Veado-catingueiro	1,23	15 kg
Tamanduá-bandeira	2,80	30 kg

Fonte: Leeuwenberg (1.994) e Emmons (1990)

Dados das tabelas 5 e 6, analisados juntamente com a quantidade anual de biomassa de caça necessária (300 mil kg.) para a boa nutrição de 3.000 Xavantes, apresenta números interessantes:

A caçada de anta - responsável por **20 % das proteínas e fundamental nas cerimônias de casamento** - necessitaria abater 300 (trezentos) indivíduos de anta por ano. Para tal, somente uma área **mínima de 1 milhão** hectares possibilitaria manter sua “coleta potencial” dentro de um padrão sustentável.

Para a sustentabilidade de caça dos porcos-do-mato (queixada e caitetu), que **representa 30 % da biomassa caçada**, seriam necessários 3.000 indivíduos por ano. Contrapondo com uma média de sua coleta potencial – temos uma área mínima de 200.000 hectares; sendo que estes obrigatoriamente devem constituir áreas de matas, já que estes animais pouco utilizam o cerrado para alimentação e reprodução.

Em suma, aproximadamente **1 milhão de hectares** são necessários na região, para contemplar estes ambientes de matas e os demais ambientes naturais em proporções significativas que possibilitem a sustentabilidade da atividade de caça.

6.1.3. Conservação e Manejo de fauna

A maioria dos habitats do cerrado foram devastados em pouco tempo, com perda da diversidade da fauna e flora típicas deste tipo de habitat. A reserva Xavante se encontra hoje também em isolamento biológico com relação a outras reservas indígenas. A degradação do cerrado no entorno vem causando constante declínio nas populações da fauna; e os Xavante dependem quase inteiramente destes recursos faunísticos para sua alimentação (LEEUWENBERG, 1.994).

Dentre os aspectos conservacionistas mais relevantes, a degradação e supressão de habitats, é um dos fatores mais preocupantes, juntamente com a excessiva caça furtiva, que concorre para o declínio das populações e conseqüentemente extinção local de espécies; o processo de fragmentação dos habitats do cerrado isola populações silvestres, “enfraquecendo-as” geneticamente e também colaborando para seu declínio.

Proprietários, moradores e funcionários das fazendas que compõe as Áreas de estudo, afirmam categoricamente em todas a visitas, sobre a existência de muitos animais silvestres nas matas e no cerrado; os índios completam “**caçada fora da reserva está mais fácil que antes**” – isto indica que os animais estão concentrados devido à degradação e destruição dos ambientes regionais, ocasionando problemas pela falta de habitats e sobreposição dos nichos alimentares – aumentando a competição entre as espécies e entre os próprios indivíduos de cada espécie, o que conseqüentemente colabora para um acentuado declínio populacional futuro.

Somente a existência de “muitos bichos” não significa conservação ambiental e pelo contrário, muitas vezes significa falta de espaço causado pela interferência antrópica.

Importante ressaltar, que a potencialidade de caça, da mata e do cerrado são praticamente iguais, pois ambos fornecem 50 % do total de carne de caça consumido !!

É fato consumado no meio acadêmico internacional, a impossibilidade de se “conservar” em padrões viáveis populações de fauna / flora silvestres em pequenas áreas de reservas, sem que entrem em desequilíbrio ecológico e com o tempo desapareçam.

Como outro forte exemplo, peguemos um animal topo de cadeia alimentar, simbolicamente fundamental para os Xavante: a **onça-pintada** ou a **onça-parda**; das quais tiram um osso usado ancestralmente para perfurar as orelhas no ritual de iniciação masculina – este osso só pode ser utilizado em um único ritual, necessitando de uma nova onça a cada iniciação – por aldeia.

Segundo CRAWSHAW, que estudou território utilizados por onças através de radio-colar, a área de uso para cada indivíduo é de 30 Km² (= 3.000 hectares); tomando como base uma população mínima “provavelmente” viável de 350 indivíduos – seriam necessários **1 milhão de hectares contínuos** para manter esta população em proporção satisfatória que permita sua caça.

A demarcação da nova área proposta, juntamente com a Reserva Indígena existente, chegará próxima desta dimensão, favorecendo imensamente a conservação destas espécies e das outras amplamente caçadas.

Para dizer que não exageramos, populações mínimas viáveis para mamíferos de topo de cadeia, são consideradas acima de pelo menos 500 indivíduos.

LEEUWENBERG (1.994), estudando manejo de caça em Pimentel Barbosa, afirma que a caça de anta não é mais sustentável e sua continuidade vem causando um declínio na população. Este caso repete-se em Parabubure, onde os caçadores dizem que “**a anta está muito difícil de encontrar**”; uma vez que a capacidade reprodutiva da anta é demorada e lenta, sua população corre sério risco de extinção local – salvo pela demarcação urgente desta nova Área e pela adoção de técnicas de manejo e rodízio de caçadas pelos Xavante.

Σ FOTOGRAFIA 7 : pré-preparo da carne de caça no campo.

6.1.4. Principais áreas de caça.

Pelos relatos dos indígenas e através de uma análise visual feita durante os levantamentos; a disponibilidade de caça dentro da T.I. Parabubure na região dos rios Kuluene e Couto Magalhães, é muito insipiente perto das necessidades crescentes da população que aí habita.

Este fato, segundo teorias conservacionistas, pode ser decorrente: Primeiro, das populações de fauna silvestre estarem em desequilíbrio ecológico devido à uma intensa sobreposição da caça furtiva exercida pelos índios. Segundo, das populações estarem melhor distribuídas pela Reserva Indígena, já que esta não apresenta fragmentação e supressão de habitats. E terceiro, os animais ficaram muito “ariscos” devido às caçadas constantes e migraram para as áreas do entorno da Reserva.

Diversos proprietários, moradores e funcionários das fazendas do entorno da T.I. afirmaram em todas as visitas durante o GT, a existência de muitos animais silvestres nas matas e cerrados – ficando comprovado que a área de estudo abriga populações consideráveis de praticamente todas as espécies de animais e aves caçadas pelos Xavante.

Perto das aldeias encontram caças pequenas como tatus, jabutis e tamanduás; precisando sair da Reserva para caçar porcos-do-mato, antas, veados, cervos e emas.

Os caçadores afirmam que a Reserva possui muitas aldeias vizinhas e que assim “a caça some, vai embora”, pois as áreas de caça estão muito pequenas e sobrepostas, já que cada aldeia possui sua própria área limitada.

Repetindo, o afirmado trechos acima, as melhores áreas de caça atualmente encontram-se fora dos limites da T.I., nos fragmentos de vegetação nativa, ainda preservados das fazendas do entorno.

As áreas de caça reivindicadas nesta proposta, além de seu valor econômico e cultural; possui um enorme valor simbólico e sentimental, já que constituem locais ancestrais de caçadas, onde muitos de seus antepassados estão sepultados.

“Dzomöri não existe mais, não tem mais espaço.

O branco revirou a terra, e os bicho não brota mais” (Benjamim)

Os principais locais de caça identificados e delimitados neste trabalho estão descritos a seguir, especificados segundo área 4 ou 5 de ocorrência; e localizados pontualmente na figura 2.

σ Principais locais de caça : ÁREA 4

Nesta área 4, identificada e delimitada, encontramos em primeiro plano uma área ancestral de caçadas de Cervo-do-pantanal e veados, o *Isõ 'upá*, localizada nos limites da faz. Mineiros – neste lugar cercam e abatem facilmente a caça. Sendo utilizada em anos consecutivos pelas Aldeias Córrego da Mata, Estrela e Jacu.

Dentre outras áreas utilizadas frequentemente por estas aldeias, podemos citar:

- várgeas com campos de mata e matas-ciliares denominadas *Tiriwatasu'á*.
- Matas, campos e cerrados da região do cemitério do Serezá, na faz. Santa Fé.
- Campos cerrados extensos e cerrados da Faz. Novo Mundo, onde em agosto realizaram caçada com fogo, matando: 1 anta, 1 veado, 1 tamanduá, 2 catetos e 3 tatus.
- Matas-galeria e cerradão das faz. Mineiros e Xavantina para caça de porcos-do-mato e antas.
- Matas-galeria do rio Kuluene, extensas e ainda preservadas.
- Mata-ciliar e cerradões da região do cemitério do avô do Cacique Alexandre, área de acampamento ancestral de caçadas.
- Em épocas de festa, necessitam caçar dentro da faz. Xavantina.

A outra porção desta área é frequentemente explorada pelas aldeias Salvador, São Pedro e Estrela.

“Temos inveja daquele lugar com muitos bichos, e queremos de volta pra nós - pra poder caçar em paz” . Fala do cacique Benjamin referindo-se às matas das faz. Pietá, Mata verde, Ipê e Repembau.

“Queremos terra, pra Ter espaço para as caçadas de casamento”- povo da aldeia Salvador.

Os cerrados e matas que compõe a Gleba Martim e fazendas do entorno (Pietá, Ipê Amarelo e Mata Verde), constituem um dos únicos lugares onde ainda se realizam as escassas e tão importantes e caçadas familiares. Sendo que anos atrás, foi construído um acampamento de *Dzomöri* da aldeia São Pedro nesta região, onde permaneceram por mais de 40 dias caçando e coletando alimentos.

Região das faz. Pietá e Mata Verde são referidas como áreas antigas de dança ritualística dos velhos; onde realizaram caçada de fogo ano passado. Citam ainda que as cabeceiras do córrego *Aò'zaidi'pá*, nestas proximidades, é um lugar com muitas antas.

Ainda na faz. Pietá, local da velha aldeia *Tsõ'rãpudzé*, próximo ao córrego Wanick, temos áreas de acampamento de caçadas coletivas, onde numa região de “matas altas”(mata estacional e cerradão), mataram 20 queixadas e muitas antas.

Na faz. Ipê Amarelo, ainda encontram-se campos, cerrados e matas preservadas, onde caçaram uma anta no mês de outubro.

As matas do entorno do rio Couto Magalhães são ótimas pontos de caça.

As reservas de vegetação da faz. Potrilo constituem-se importantes áreas para caçadas de festas e casamentos, porém nas últimas caçadas (julho/agosto) utilizaram o fogo (*du*), havendo conflitos com as proprietários.

Diversos córregos, como o do Pato, o Garça e Wanick, apresentam matas e veredas em bom estado de conservação, favorecendo as caçadas.

Matas-galeria e cerradões que ocupam o entorno do Ribeirão Piranhas, também são áreas onde a fauna silvestre é caçada com certa facilidade.

σ Principais locais de caça : ÁREA 5

Nesta área, diversos locais foram identificados como importantes pontos de caça; à começar pelas matas preservadas e áreas úmidas de toda a margem esquerda do rio Kuluene, utilizadas pelas aldeias Córrego da Mata, Santa Fé, Jacu, Paraíso, Santa Cruz, Auwe'ubsimidze e Aldeiona.

As nascentes, veredas e matas que acompanham as microbacias do Ribeirão do Peixe, do Rideirão do Boi e córrego São João encontram-se em bom estado de conservação, sendo constantemente utilizadas pelas aldeias.

A região da barra (encontro) do Ribeirão Xavante com o Ribeirão Maria apresenta matas e cerrados bem preservados, bem como áreas úmidas importantes para a reprodução de aves e animais.

A faz. Pontal é referida como importante local de caça da aldeia Santa Cruz, porém seus proprietário não permitem as caçadas.

Na faz. Garças existem enormes áreas de buritizais e veredas pras caçadas, onde durante os estudos foram avistados grande quantidade de emas, veados e algumas antas.

A faz. Rio Maria ainda esnoba algumas áreas extensas de mata, cerrado e cerradão, onde avistou-se muitas emas.

Nos limites da faz. Paraíso encontra-se importantes locais de caça e coleta da aldeia Wawe, para festas e casamentos, porém são proibidos de entrarem.

Acampamentos de caça foram registrados nas extensas áreas de campo, cerrado e cerradão preservados, que ocorrem próximo as nascentes do Ribeirão do Boi; sendo obrigatoriamente incluídas nesta proposta.

Uma serra conhecida como *E'tewazi*, próxima às nascentes do lado direito do Ribeirão Xavante, são consideradas ótimas para coletas de jabutis.

Σ FOTOGRAFIA 8 : giral utilizado em acampamentos de caça.

6.2. COLETA

**“Comida de branco enfraquece o índio,
Nós nunca vamos deixar de coletar frutas e raízes do campo”**
Pecissari

Sem a caça, a cultura Xavante seria muito diferente; mas sem a coleta, os Xavante não seriam jamais capazes sequer de existir. Chegavam a ficar sem carne durante vários dias seguidos – porém nunca se passava um dia sem que os produtos naturais da região estivessem à mão (MAYBURY-LEWIS, 1.984).

Nos dias atuais, apesar das influências do “mundo do branco”, ficou claramente comprovado pelos estudos de campo, que as várias raízes, cocos, palmitos e frutas ainda compõe parte importante da dieta alimentar do povo Xavante.

ALIMENTAR

A coleta de produtos do cerrado e das matas com finalidades alimentares, são atividades exclusivamente femininas; onde as meninas desde criança acompanham as mães para ajudar no transporte dos produtos coletados, aprendendo assim a tradição.

Segundo GIACCARIA & HEIDE (1972), a importância da coleta está no fato de, ao contrário da caça, prover a aldeia de um recurso alimentar constante. Também durante as migrações a coleta é fundamental.

Normalmente, as aldeias são fixadas obrigatoriamente próximas de boas regiões de coleta, isto implica em regiões que possui certa diversidade de ambientes, como cerrados, cerradões e mata.

A variedade e quantidade dos produtos coletados ainda é muito grande, MAYBURY-LEWIS (1984) e GIACCARIA & HEIDE (1.972) colocam em destaque as diversas variedades de raízes e tubérculos utilizadas quase que exclusivamente pelos Xavante, num total de 14 variedades, salientando sua importância na alimentação.

Dentre estas variedades de “batatas-do-mato” como se referem, atualmente ainda se é muito consumida e apreciada a *monihöi're*, coletada nas matas; também *udedu*, *wö*, *buruwö*, *pidzi* e *mo ö niá* são variedades de mata ainda consumidas. No cerrado são coletadas a *patêde* e a *poneé're*.

A estação seca é a época mais apropriada para a coleta e consumo destas raízes, pois dizem que no tempo das chuvas ficam “aguadas”.

As mulheres mais velhas, quando indagadas sobre a possibilidade de suas filhas abandonarem o costume ancestral de utilizarem estes alimentos, exclamam: **“Nós nunca vamos deixar de coletar e as comidas do campo,**

Por que devemos desaprender ?” *Pecissari* (Ald. Jacu)

Afirmam existir muitos “carás” e raízes do mata “boas para comer”, e que são muito fáceis de encontrar; embora para algumas mães jovens falte o devido conhecimento.

“ Sempre Levamos nossas filhas e netas juntas conosco, para que aprendam a conhecer e a coletar as boas comidas do campo.”

Quando possível coletam ovos de perdiz, *nampré* e *ema*; e em setembro saem em busca de *rãititó* (formiga rainha dos sauveiros).

Outro grupo de alimento muito coletado, principalmente por ser rico em proteína vegetal, são os coquinhos nativos, dentre eles o mais citado e apreciado é o do babaçu (*Norôwede*) de onde retiram nutritivas castanhas; o óleo extraído destas castanhas também é utilizado como cosmético para se passar nos cabelos e no corpo associado ao urucum.

Abundantes, as palmeiras de babaçu ocorrem nas matas e por isso são frequentes nas áreas de roças, facilitando a coleta dos frutos.

Os cocos são uma fonte perene de alimento. Sem dúvida alguma, o mais importante é o coco da palmeira de babaçu (MAYBURY-LEWIS, 1984).

O Buriti (*uiwêde*), a Bocaiúva (*a'ódo*), o Bacuri (*Tiriwede*), e a Buritirana (*ariwêde*) também são palmeiras importantes na alimentação Xavante, utilizando-se de seus frutos, castanhas e palmitos, que são muito consumidos e apreciados.

A grande vantagem dos palmitos, é que além de saborosos e nutritivos, podem ser coletados durante o ano inteiro.

As diversas frutas do cerrado são amplamente saboreadas pelos Xavante, coletando-as principalmente durante a estação das chuvas, dentre as mais citadas aparece o Piqui (*abare*), o buriti (*usu*), o jatobá (*a'õ*), a mangaba (*ritó*), as marmeladas (*tomonti*), a mirindiba (*i'rãihã*), o cajú do cerrado e outras de nome específico Xavante: *tininim*, *rititopré*, *rebérã sirã*, *ù'pinire*, *tiriwawe*, etc.

A manga, introduzida na maioria das aldeias, é uma festa para as crianças e muito consumida por todo o grupo.

Apreciam muito mel de abelhas, sendo sua coleta uma atividade basicamente masculina; conhecem e classificam umas dez meliponines (abelhas nativas) da região, entre elas citam *apdzö*, *itomorã*, e *aptômri*.

ARTESANAL: Tanto homens como mulheres participam igualmente desta coleta; inclui-se aqui diversos materiais necessários à confecção de ornamentos, utensílios domésticos, ferramentas, tintas, armas e objetos rituais. Dentre os quais, segundo PAULA (1.997) destacam-se:

- Arco : madeira de tucum da mata
- Flechas : taquara (ti) / taquarinha / buritirana / cipó-imbé / cera de abelha

- Pilão : madeira de pequi / aroeira / ipê
- Instrumentos musicais : cabaças / sementes de *patsé* /
sementes de capim-navalha (*aé*)
- Cordas : palhas de Tucum do cerrado / Buriti / Babaçu
entrecascas de diversas árvores (imbiras)
- Cestos e Esteiras : palhas de Buriti / Buritirana / Babaçu
- Ornamentos : folhas de Buriti – estojo peniano
Cordas de Tucum / Buriti / embiras – pulseiras e
tornozeleiras.
Brincos de vários arbustos / colares de *Aé*
Colar de algodão (*abazi*)

- Ornamentos distintivos : cordões *tsatede* e *weterãti* (dono da anta)
Cordões de Buriti, cipó e Tucum / brincos de talo de Buriti e *ipanihoné*
(dono dos queixadadas)
- Uso mágico / ritual: *wamari* (árvore que faz sonhar)
raízes de *wetsua're* / *panitsihudzu* /
wadzarapzé / *weterã'ti* e *wederutupá* (pós
para controlar o tempo)
algodão-roxo / sementes de *Aé* (colares usados nas
cerimônias de casamento e nomeação)
folhas e fibras de buriti (confeção máscaras
Wamnhörö e capas *No'oni*)
toras de Buriti (corridas)

As tradicionais borbunas são feitas à partir de madeira de Aroeira, Sucupira e de outra espécie identificada pelo no Xavante *Pooné buturã né*.

Nas pinturas corporais utilizam o genipapo (*uderã*) e o urucum.

As casas são construídas com madeira de aroeiras, ipês, angicos, sucupiras, bambús e taquaras; nas paredes utilizam folhas de babaçu, e para a cobertura folhas de buriti, sapé ou de *norõ're* que aparece em áreas úmidas; no entanto preferem as folhas de buriti que duram mais, em média 3 anos.

A maioria dos ornamentos de uso ritual e as toras de buriti utilizada nas frequentes corridas entre os grupos de idade, só podem ser usadas uma única vez; daí uma das necessidades de precisarem existir em abundância dentro do território indígena.

A coleta e o uso de plantas medicinais ainda se faz constante e praticado por toda a população indígena; estando melhor descrito no item Etnobotânica.

Algumas expedições de coleta são parte integrante de certos rituais, como o coleta dos materiais para a confecção das máscaras *Wamnhörö*, no ritual de iniciação. Durante o *Wai'á* as mulheres fazem uma coleta de batatas chamada *Abahi*. No ritual de cura (*Datsiwaiwere*), quando o doente é uma mulher, faz-se uma coleta de cocos e frutos (PAULA, 1.997).

Sem sombra de dúvidas, a coleta ainda constitui-se uma das atividades mais importantes para a manutenção cultural e sobrevivência física do povo Xavante de Parabubure.

Σ FOTOGRAFIA 9 : coquinhos e brotos de buriti coletados.

Principais espécies vegetais citadas pelo povo Xavante, estão listadas no anexo 2

σ Principais locais de coleta:

Assim como a caça, muito dos materiais e alimentos utilizados pelos Xavantes, em certas regiões encontram-se fora dos limites da Reserva Indígena; necessitando muitas vezes de um dia inteiro de caminhada para sua coleta.

Este locais encontram-se pontuados no mapa de FIGURA 2.

Como o afirmado pelas mulheres da aldeia Estrela: **“Buritis estão longe da aldeia, sempre precisamos de buritis e não está tendo”**.

“Tudo que os Xavante precisam estão dentro das áreas de fazendas – caça e palhas só encontra nas fazendas.”

Um dos problemas observado, é que algumas fazendas roçam as áreas de cerrado que estão nas proximidades do limite com a Reserva Indígena, somente com a intenção de evitar a entrada dos índios; diversas áreas foram encontradas abertas e abandonadas sem nenhuma finalidade.

Infelizmente, ainda é grande e visível o preconceito em relação à presença da população indígena na região: **“Quando índios entram nas fazendas, donos dizem que é pra roubar gado e não para pegar buriti – não precisamos do gado deles.”** Dona Ida (*‘Ro’o dawa*)

A maioria das aldeias visitadas reclamam que as “boas” áreas de coletas estão cada vez mais longe, precisando andar muito para se chegar até elas – principalmente para a coleta de frutos e brotos de buritis – que são fundamentais para a cultura e uso cotidiano dos Xavante.

Além do mais, as fazendas localizadas nas Áreas 4 e 5, possuem bons pomares formados com diversidade de frutíferas, facilitando a fixação de novas aldeias e colaborando com a alimentação da população indígena.

∫ ÁREA 4:

Várias aldeias, dentre elas São Pedro, Salvador, Estrela, Jacú e Córrego da Mata, utilizam frequentemente recursos naturais obtidos em locais de coletas incluídos na proposta da área 4 reivindicada.

Citam locais próximos às nascentes, cabeceiras e margens do Ribeirão Piranhas, Rio Couto Magalhães e Ribirão Pedra Preta como ótimas áreas de coleta; e locais dentro da faz. Xavantina, como a serra *Têrãirê* – boas para a coleta de jabutis.

A aldeia São Pedro, coleta material (*Ti*) para a confecção de flechas nas fazendas Pietá, Mata Verde e Repembau, pois afirmam não ter mais perto da aldeia este material específico.

∫ ÁREA 5 :

Dentro desta proposta, estão incluídos locais de coleta das aldeias Wawe, Paraíso, Santa Cruz, Córrego da Mata e Santa Fé; que afirmam coletar do “outro lado do Kuluene”, como dizem.

A aldeia Uawe, que possui barco de alumínio e está localizada num ótimo ponto de travessia do Kuluene, necessita e utiliza de locais de coleta dentro das fazendas Paraíso e Maria; coletam buritis longe – “fora da Reserva” gastando um dia inteiro para ir voltar, caminhando até as nascentes, veredas e margens do Ribeirão do Peixe e Ribeirão do Boi.

Uma coleta de mangas e outras frutas, feita fora da Reserva pelas crianças da aldeia Wawe, foi registrada numa fazenda antiga localizada próxima aos limites da Reserva – áreas abandonadas desta fazenda encontram-se muitos pés de mangas, goiabas, jabuticabas e buritis – sendo importante ponto de coleta, já que esta aldeia é nova e ainda não possui frutíferas em sua localidade.

A alegria de se caminhar cantando junto com os “Xavantinhos” é muito contagiante; ainda mais quando voltam com seus *baquités* cheios de frutas para casa.

Quatro deles, bem abraçados e felizes, iam gritando e dançando na frente : insiwairru, insiwairru, insiwairru . . . (meu amigo) .

Σ FOTOGRAFIA 10 : caminhada para coleta de frutas feita pela crianças .

Outras locais de coleta utilizados pelas aldeias Paraíso, Santa Cruz, Wawe, Santa Fé e Córrego da Mata além das microbacias dos ribeirões do Peixe, do Boi e Córrego São João; são as regiões de nascentes, margens e veredas dos Ribeirões Xavante e Maria.

As mulheres da aldeia Paraíso, afirmam sair da Reserva para coletar, indo até as margens do Ribeirão Xavante e Ribeirão Maria:

“Lugares com muitos bichos, frutas e bastante buritis.”

Quando indagadas sobre as longas distâncias percorridas, exclamam:

“Costumamos ir sempre até estes lugares, não achamos longe não, antigamente íamos mais longe – Ribeirão Xavante está perto !”

6.3. PESCA

Segundo MAYBURY-LEWIS (1984), a pesca provavelmente não era tão importante para os Xavante antes de seu reencontro com os brancos. Sua preferência pelas viagens por terra e pelo campo aberto significava que não passavam muito de seu tempo nos rios.

Atualmente, porém, a introdução dos anzóis de metal e da linha de nylon transformou-os em pescadores apaixonados.

Com toda certeza os apetrechos de pesca facilitaram muito esta atividade, tornando-a constante e indispensável para a sobrevivência do grupo. Tanto que nas aldeias visitadas, frequentemente pedem por linhas e anzóis com presente.

A pesca, cada vez mais vem sendo utilizada como importante forma de se obter proteína animal, completando a dieta alimentar da população indígena, em quase sua totalidade.

Σ FOTOGRAFIA 11: matrinhãs e cesta de alimentos.

Na maioria das aldeias pesquisadas, foi unânime a afirmação de que comem peixe o ano inteiro, isto se valendo para todas as casas pesquisadas; sendo que os jovens preferem atualmente pescar do que caçar.

Sem dúvida, os animais de caça estão muito mais difíceis de serem encontrados nas proximidades das aldeias, do que córregos e rios cheios de peixes – incentivando ainda mais esta atividade.

Com a introdução da linha e do anzol, até as crianças foram instruídas em como pescar, completando quase que diariamente em certas aldeias, a alimentação de sua família e delas próprias.

A gradativa escassez de carne de caça, levou a pesca a fixar-se como importante fonte de proteínas animal, e além de seu valor cultural tornou-se fundamental para a sobrevivência física do grupo.

A valorização da pesca possui um lado conservacionista positivo, pois colabora para a diminuição da pressão de caça sobre algumas espécies animais, favorecendo a reprodução e o aumento populacional; também vinculando a existência abundante de peixes com a preservação das matas-ciliares e cabeceiras dos rios e córregos e conseqüentemente aumentou a preocupação dos índios com “a saúde das águas”.

Afirmam: “Os fazendeiros estão envenenando os rios (uso de agrotóxicos) e destruindo as cabeceiras – os peixes estão sumindo.”

Nas aldeias localizadas mais ao centro da Reserva, e distante dos grandes rios piscosos, o costume da pescaria é menos intenso; mas nem por isso deixa de ser realizada e valorizada como fonte de alimento.

Uma tendência constatada, é de que as novas aldeias tendem a se fixarem perto de rios, ribeirões e córregos bons de peixe, e que a pesca venha cada vez mais a complementar as necessidades proteicas da população indígena. Portanto, as novas áreas reivindicadas são fundamentais para garantir a conservação e manutenção dos estoques pesqueiros da região, tão importantes para os Xavante no presente e mais ainda num futuro próximo.

Como dito anteriormente, pescam durante o ano inteiro de maneira individual com linha e anzol, e em alguns lugares já utilizam tarrafas; na estação seca (julho a outubro) realizam a pescaria coletiva com Timbó – *abawadzi* – (cipó que ocorre na mata) envolvendo toda a aldeia na atividade.

Para esta pescaria são realizados ritos propiciatórios, onde pedem permissão para os *Ötedewa* - espíritos “donos dos rios” ou para os *U’utedewa* (donos dos lagos), dependendo de onde será realizada a pescaria.

A pesca consiste em cortar pedaços do Timbó (*Abawadzi*), fazer maços com os talos e dentro de um córrego bater seguidamente com um bastão neste maço e mergulha-los na água; desta forma o Timbó solta uma substância tóxica que faz os peixes boiarem – facilitando sua captura que é feita com arco e flechas especiais (*ariwede*) com pontas de tucum para esta finalidade – tornando esta pescaria numa “caçada na água”, o que agrada muito a todos os participantes, inclusive às mulheres.

Os Xavante também nomeiam, classificam e conhecem muito bem os comportamentos dos peixes – citando 44 nomes diferentes de espécies de peixes (CARRARA, 1998).

Preferem para alimentação o Matrinchã (*Pehöire*), o Jaú (*Tepewatsé dé dzaú*), o Pintado (*Tsadahi’rãpó*), a traíra (*Pedzató*), o Pacu e o Tucunaré.

σ Principais locais de pesca :

Alegam que os melhores rios piscosos da região estão sendo muito pescados pelos turistas e por comerciantes que utilizam redes de pesca, diminuindo a cada ano a quantidade de peixes nos rios.

Dentre os melhores rios e córregos para a pesca, elegem locais que estão contemplados nesta proposta de demarcação; inclusive áreas importantes de travessia e de corredeiras também estão incluídas na proposta.

Futuramente, a pesca esportiva devidamente explorada, pode ser introduzida nas áreas indígenas, como fonte alternativa de renda.

∫ ÁREA 4 :

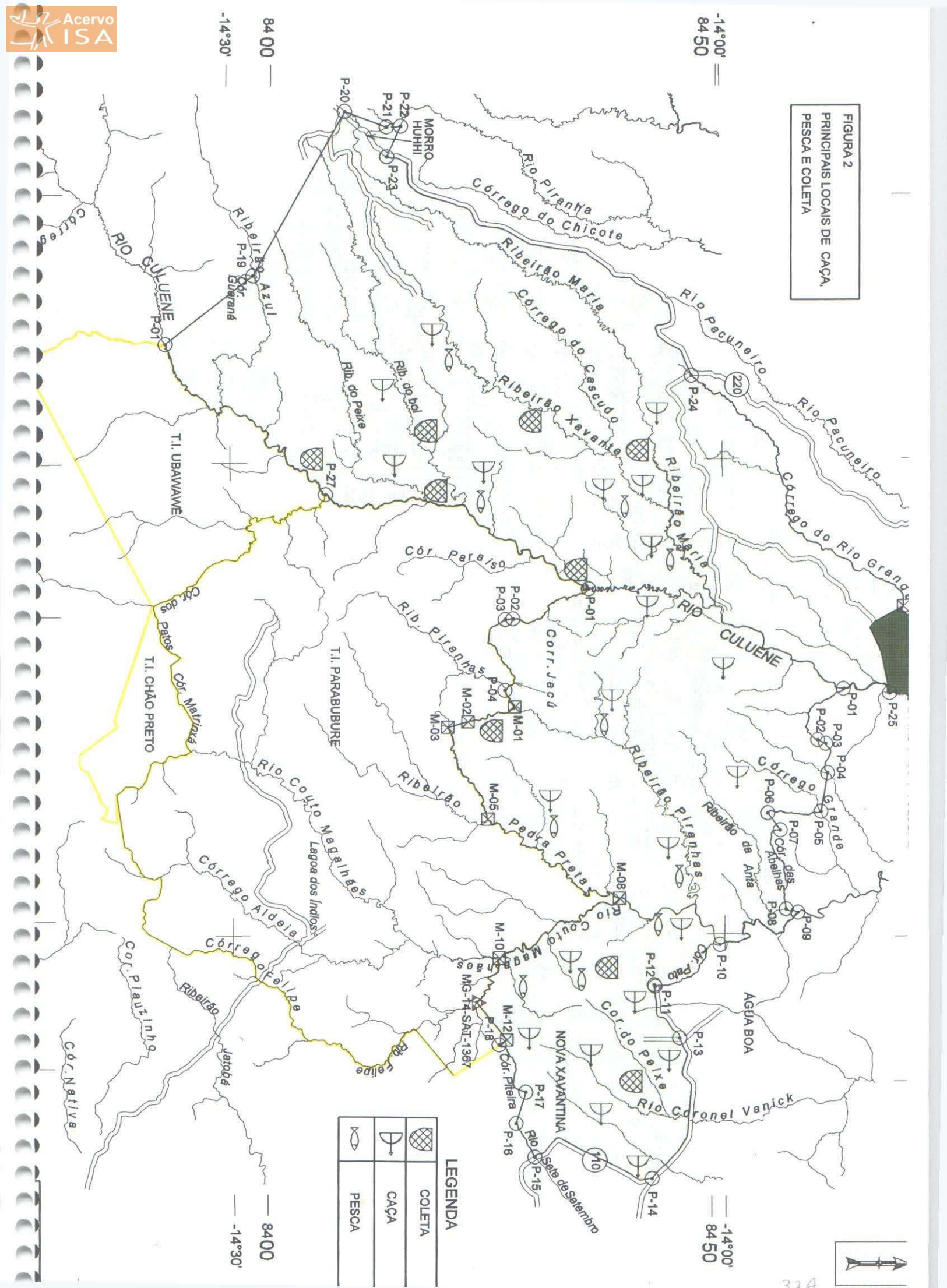
Compreende o Ribeirão Piranhas (*E tessiriê’pá*) e diversos córregos que compõe sua microbacia; o Ribeirão Pedra Preta (*Sidzib’pá*), o rio Couto Magalhães (*Norötsu’rã*) e seus córregos afluentes e também a margem direita do rio Kuluene (*Onhi’udu*).

∫ ÁREA 5 :

Abrange as microbacias do Córrego do Peixe (Waratapa), Córrego do Boi (Norowedeza’i tipá), Córrego São João (Norowedeza’i di), Ribeirão Xavante, Ribeirão Maria e também as margens esquerda do rio Kuluene.

A FIGURA 2, ilustra e pontualiza os principais locais de caça, pesca e coleta.

FIGURA 2
PRINCIPAIS LOCAIS DE CAÇA
PESCA E COLETA



LEGENDA

	COLETA
	CAÇA
	PESCA



6.4. AGRICULTURA

Segundo MAYBURY-LEWIS (1984), na época de seus estudos (dec. 50), os Xavante não eram lavradores muito eficientes porque consideravam o trabalho agrícola enfadonho e também porque não eram pressionados pela necessidade de complementar sua dieta abundante com produtos cultivados. Sua vida nômade dificultava a prática de uma agricultura mais intensiva.

Este dado histórico contrapõe-se com a realidade Xavante, pois hoje não apenas dedicam muito mais tempo às atividades agrícolas do que antigamente, como incorporaram certos produtos cultivados como a base de sua alimentação cotidiana, principalmente o arroz e a mandioca.

Antes do contato, plantavam em suas roças de “toco” sete variedades de milho Xavante (*nodzö*), feijão (*uhi*) e abóboras (*uzã'né*), todas espécies domesticadas pelos índios. Dentre estes produtos, o mais importante era e continua sendo o milho, utilizado na preparação de bolos que compõem as trocas e ritos cerimoniais.

Para os Xavante, o produto das colheitas era pensado mais como alimento para ser usado nas celebrações do que como fonte essencial para a sobrevivência da comunidade (MAYBURY-LEWIS, 1984).

Praticamente o modo de produção agrícola não mudou muito, mantendo-se as tradicionais roças de toco feitas em locais de matas; onde o uso de ferramentas facilitou muito o trabalho, e o ateamento de fogo ainda é utilizado na limpeza dos terrenos (dizem que evita as pragas).

O sistema agrícola funciona desta forma:

- Junho = derrubam a mata
- agosto colocam fogo (sobrando os tocos, daí o nome “roça de toco”)
- setembro = plantam milho, feijão e melancia
- novembro / dezembro = plantam o arroz
- janeiro / fevereiro = colhem o milho e plantam abóbora
- fevereiro / março / abril = colhem o arroz

Preferem obrigatoriamente as áreas de mata-galeria para a agricultura:

“ Terra é mais fresca nestes lugares, terra é mais boa, dá mais forte as plantas e o milho fica muito bonito.”

Plantam durante 3 anos no mesmo local, depois abandonam a área que se regenera numa capoeira (*brudú*) – voltando daqui a 6 anos para utilizar novamente esta área.

A necessidade do aumento da produção de alimentos devido ao processo de “sedentarização” do grupo, fez com que as áreas de roça praticamente dobrassem de tamanho, necessitando agora da mão-de-obra masculina para ajudar nos cuidados; antes sendo esta uma atividade de responsabilidade feminina. Na família, compete ao genro trabalhar para o sogro, sendo retribuído por este com a confecção de armas para seu uso.

Segundo GIACCARIA & HEIDE (1.972), haviam rituais propiciatórios para a agricultura, como o *Adö'öwaridzé*, que consiste em pedir aos antepassados as sementes; também afirmam que os meses de colheita são: ... meses de abundância, nos quais o problema da busca de alimentos é menos dramático e a aldeia pode viver um período de serenidade e paz, suspender a atividade de caça e de coleta, dedicar-se à confecção de armas e, principalmente renovar a sua união, celebrando as festas tradicionais.

No presente, as roças possuem aproximadamente um hectare (1 h a) por família, sustentando em média 13 pessoas – numa aldeia com 20 famílias, seria necessário um mínimo de 60 hectares de mata, para garantir o rodízio de roças a cada 3 anos.

Algumas culturas foram introduzidas depois do contato, como o arroz, a mandioca, a batata-doce, o amendoim, o mamão, a moranga, a melancia e a banana, sendo que esta não é muito cultivada. A mandioca, a batata-doce e as abóboras são cultivadas o ano todo principalmente em pequenas roças junto das casas, na própria aldeia; facilitando o cuidado e aproveitamento.

Outro produto ancestral, além dos milhos, feijão e abóbora, ainda cultivado nas roças de toco, é o algodão-roxo nativo (*abazî*), utilizado na confecção dos colares masculinos; também o urucum (utilizado nas pintura corporais) e o cará selvagem (*mo õ niá*).

Muitas aldeias já não possuem boas áreas de mata propícias à prática agrícola nas suas proximidades, utilizando-se agora de bicicletas para se chegar mais rápido até as roças, que distam muitas vez a mais de 3 horas de caminhada da aldeia.

Foi registrado roças de toco localizadas fora dos limites da T.I., dentro da faz. Xavantina – Área 4; tais roças pertencem a moradores da Aldeia Córrego da Mata, que alegam não existir mais áreas de mata próximas da aldeia para se fazer “boas roças” – **“as terras boas de mata já estão ocupadas, e as que sobraram estão muito longe.”**

Este fato acrescenta mais uma forte justificativa para a ampliação da T.I.Paraburure.

Σ FOTOGRAFIA 12 : roças de toco dentro da Faz. Xavantina

No presente fica constatado, que os Xavantes dedicam bastante tempo aos trabalhos agrícolas em suas roças, principalmente os homens mais velhos da aldeia.

É fato consumado e amplamente conhecido, que a introdução do cultivo do arroz, acentuado pelo “Projeto de Desenvolvimento” adotado para o povo Xavante, teve consequências problemáticas para a população indígena; principalmente, não pelo fato dos projetos terem fracassados, mas pelo uso dependente que o povo Xavante passou a fazer do arroz – incorporando-o no seu cotidiano como alimento principal de sua dieta, em detrimento muitas vezes dos alimentos nativos do cerrado.

Não é sem razão que os velhos e velhas reclamam:

“Arroz não enche barriga e manga não é comida de índio”

“Comida do branco enfraquece o índio, traz doenças”

Através de entrevistas com as equipes de saúde (FUNASA) que atuam em Parabubure, e dados de relatórios antigos; fica fácil comprovar a grande incidência de doenças relacionadas aos quadros de desnutrição ou subnutrição, como pneumonias, diabetes e diarreias.

Em períodos de entressafra, principalmente na época das cheias (quando a pesca é impraticável), os Xavante só se alimentam de arroz, que muitas vezes, se esgota nas roças e é comprado na cidade com o dinheiro das aposentadorias dos velhos Xavante e dos professores bilíngües (CARRARA, 1998).

Segundo LOPES DA SILVA (1.992) o “Projeto Xavante” tinha a finalidade de dar “autonomia econômica” e promover a “autodeterminação dos índios”, através da agricultura mecanizada do arroz, onde o excedente seria comercializado. Assim, seria intensificada a exploração do cerrado e os índios por intermédio da rizicultura, seriam fixados a um território limitado, tornando-se produtivos em matéria agrícola.

– Ledo engano!!!

Estava claro, que com o passar do tempo, essa região do Mato Grosso seria aberta à colonização e que os Xavante teriam que enfrentar o problema de sobreviver numa fração de seu território original. Se pudessem ser induzidos a incorporar a agricultura, teriam a vantagem de se adaptar, aos poucos, a uma situação inevitável; além disso, a tarefa de administrá-los seria bem mais fácil (MAYBURY-LEWIS, 1.984).

O objetivo de transformar os Xavante em agricultores sedentários, para se apoderar de parte do seu território, continuou a ser perseguido ao longo dos anos. Porém, só no final dos anos 70, com o Projeto Xavante, que envolveu altíssimos investimentos, se conseguiria desestruturar o modo de produção próprio dos Xavante, tornando-os ainda mais dependentes (PAULA, 1.997).

Felizmente, voltaram às suas tradicionais roças de toco, que nas aldeias visitadas possui finalidade exclusiva para subsistência; agora com o crescimento paulatino da população, necessitam de novas áreas de mata para continuarem produzindo e assim cumprir seu importante papel cultural – através do uso tradicional do milho nas cerimônias - e no complemento das necessidades alimentares crescentes da população indígena.

Se, em relação à sua sobrevivência física, as doenças adquiridas logo após o contato foram a maior ameaça que os Xavante sofreram; podemos considerar, sem dúvida, a implantação dos projetos de agricultura mecanizada, como sendo uma das maiores ameaças já enfrentadas contra sua sobrevivência cultural (PAULA, 1.997).

6.5. CRIAÇÃO de ANIMAIS e AVES

Os Xavante utilizam-se, pelo que foi observado nas aldeias, de pequenas criações para sua própria subsistência, principalmente de galinhas caipiras e patos (menor quantidade), em galinheiros próximo das casas ou simplesmente soltas no quintal, como se é mais de costume – quase todas as casas possuem criação de galinhas para períodos de escassez.

Os filhotes de animais e pássaros silvestres capturados nas caçadas, são criados como amistosos bichos de estimação, recebendo carinho das crianças, e por isto mesmo raramente são abatidos para o consumo. Não foi registrado a criação de animais silvestres para o consumo de carne; sendo esta, uma atividade que pode ser desenvolvida futuramente visando a melhoria nutricional da população e diminuindo a pressão de caça sobre algumas espécies, principalmente a de porcos-do-mato.

Σ FOTOGRAFIA 13 : caitetu acariciado como animal de estimação.

A PECUÁRIA, é praticada em pequena escala por algumas poucas aldeias, como a aldeia São Pedro, que conserva seu rebanho afastado da aldeia, para ser utilizado preferencialmente em comemorações festivas, datas religiosas e nos encontros entre as aldeias.

Apesar da tentativa da introdução da pecuária ao cotidiano Xavante, mais uma vez com o objetivo de substituir as atividades tradicionais de caça e coleta, e assim justificar a diminuição de seus território; a criação de gado não foi aceita e nem realizada em grande escala – sendo que o povo Xavante improvalmente abandonará suas tradicionais caçadas para se alimentarem de carne de gado – as caçadas alimentam o espírito e a cultura deste povo, que nunca vai morrer.

Tanto a pecuária extensiva, como a criação de outros animais (porcos, cabras, carneiros) pode colaborar com uma melhoria na subsistência indígena e diminuir em algumas épocas do ano a pressão de caça em benefício das espécies silvestres e conseqüentemente dos próprios índios; mas nunca deverá ser imposta como uma atividade econômica rentável do ponto de vista material.

A Terra Indígena delimitada, engloba diversas fazendas com pastagens renovadas e em bom estado de uso, além de pastagens abandonadas onde a vegetação nativa começa a regenerar-se; possibilitando que a FUNAI juntamente com outras instituições “gerencie” a utilização destas pastagens, na forma de possíveis arrendamentos, direcionando o dinheiro arrecadado em melhorias na saúde, comunicação e educação. Até que a vegetação nativa inicie seu estado inicial de regeneração, recompondo gradativamente estes ambientes antropizados.

“Um carro não é uma anta, um boi não é um cervo”

Esta frase sintetiza claramente, que todos os produtos do “mundo do branco” introduzidos no modo de viver dos Xavante, são tidos como bens pessoais – mudando e desentruando o sistema tradicional de redistribuição Xavante.

6.6. OUTRAS ATIVIDADES ECONÔMICAS

ARTESANATOS : A venda de artesanatos apesar de ainda não ser muito intensa, é uma presença marcante em quase todas as aldeias; constituindo-se numa atividade econômica de razoável importância, principalmente para custear as viagens e as estadias na cidade e a compra de produtos manufaturados que muito apreciam.

Segundo relatos, as peças artesanais mais belas dos Xavante são aquelas utilizadas em cerimônia e rituais sagrados, possuindo significado simbólico e por isto não são comercializadas. Os artesanatos mais vendidos nas cidades e que têm boa aceitação, são os belos colares da semente *Aé* (capim-navalha) muito procurados e facilmente vendidos, os *Baquités* (cestos fechados de butiti) de diversos tamanhos e os espanadores de penas de ema.

Σ FOTOGRAFIAS 14 e 15 : produção de artesanatos (colares e baquités).

EXTRAÇÃO de MADEIRA: apesar de não ter sido constatada em loco, esta é uma atividade que já foi mais frequente no passado e que ainda se escutam rumores de eventuais ocorrência.

Durante o trabalho de abertura de novas áreas para roças, muitas árvores de madeira nobre são derrubadas e queimadas sem nenhum critério, podendo esta madeira ser retirada e comercializada de forma legal; mas sob constante acompanhamento para que não se transforme numa atividade destrutiva e nociva ao ambiente e aos próprios índios.

APOSENTADORIA: dentre outras atividades econômicas que não envolvem diretamente a exploração dos recursos naturais, podemos citar como importante a aposentadoria, recebida pelos velhos das aldeias, e que constitui no presente importante fonte de recursos utilizados na obtenção de produtos manufaturados das cidades (roupas, calçados, colchões, sabão, sabonetes, açúcar, farinha de mandioca, café, etc...); devido às relações de parentesco, quase tudo o que se adquire com o dinheiro das aposentadorias acaba sendo desfrutado pela aldeia.

DOAÇÕES, principalmente de igrejas evangélicas e católicas, de ONG's internacionais, de Prefeituras Municipais vizinhas e da própria FUNAI são constantes, colaborando em grande parte para a manutenção das aldeias com produtos manufaturados e ferramentas.

Foi verificado, que os caciques sempre pedem “algum presente”, de preferência gado aos fazendeiros vizinhos, para a realização de festas de fim de ano e encontro entre aldeias. Neste caso cabe observar que os Xavante têm plena consciência de que as terras hoje ocupadas pelas fazendas vizinhas foram espoliadas do seu território tradicional (PAULA, 1997).

**“Meu Avô não conhece o seu avô, meu pai não conhece o seu pai,
volta pra terra onde veio o seu avô” Rumori (cacique Abraão)**

7. ASPECTOS CONSERVACIONISTAS:

A macro região Biogeográfica de Domínio dos Cerrados, onde situa-se o território tradicional Xavante, nas terras do Mato Grosso; de acordo com o que é proposto por PRODIAT (1.984) caracteriza-se pela ocorrência de duas zonas ecológicas, o Domínio dos Cerrados (campos, campo de Murundum, cerrado e cerradão) e uma segunda sendo o Domínio das florestas de transição da Pré-Amazônica (Floresta semidecidual e Aluvial).

Em particular esta sua porção central, do médio Araguaia Mato Grossense, distingue-se por estabelecer zonas de transição – **Ecótonos** - com as Florestas Estacionais.

Os Ecótonos são consideradas áreas de “conflito” e contato entre diferentes ambientes naturais, tendo sua biodiversidade aumentada nestas regiões, devido a um maior número de habitats disponíveis e interação entre fauna / flora de domínios biogeográficos distintos.

No Brasil, segundo levantamentos recentes da WWF, perdura-se **somente 20 %** das áreas naturais de **Cerrado** – estudos internacionais desta mesma instituição aponta o Cerrado brasileiro como uma das 25 “Áreas de Hotspots” importantes para conservação no mundo, isto é, de maior biodiversidade do planeta e que encontram-se ameaçadíssimas – sendo **Prioridade Conservacionista Mundial**.

O Cerrado brasileiro abriga : “Pra dizer que não falei das flores”, mais de 6.500 espécies vegetais, sendo responsável por 30 % da fauna e flora brasileira; e por 5 % da fauna e flora mundiais. Estando apenas uma pequena porção de seu precioso patrimônio natural “protegidos” (se é que podemos afirmar) em Unidades de Conservação (Estaduais ou Federais).

Nesta importante região de Ecótonos, o número de Unidades de Conservação é ainda muito menor e insignificante.

Segundo LEEUWENBERG (1.994), antes da grande “ocupação e migração para o interior” dos anos sessenta, existia uma abundância de caça, peixes, insetos, frutas e ervas do cerrado; com a vinda de projetos gigantescos para plantação de soja, arroz e pasto, o cerrado passou a ser sistematicamente “aberto” ou desmatado em mais de 80 % de sua área total em menos de 30 anos.

Apesar dos índios brasileiros não serem aqueles Românticos “Protetores da Natureza”, como sempre os idealizamos; suas **Reservas** mantêm-se praticamente íntactas em se tratando de vegetação e habitats. Levantamentos recentes do ISA comprovam um índice de desmatamento de apenas 5,55 % na T.I. Parabubure.

Os Xavantes, bem como outras tribos, provocam impacto apenas com a sucessiva caça furtiva – que pelo fato das “diminutas” Reservas nas quais vários grupos estão inseridos, e em virtude da crescente ascensão populacional de seu povo, este impacto acaba tornando-se negativo e prejudicial às populações de animais silvestres caçadas.

Imagens do satélite Landsat TM, processadas pelo INPE em 1.997, mostra o “Verde intenso” de Parabubure em contraste com as áreas antropizadas das fazendas do entorno. Estando este contraste visualmente registrado pela FIGURA 3.

Uma análise mais detalhada destas imagens, indica que aproximadamente 40 % dos ambientes de cerrado ainda recobrem a totalidade da Área Delimitada; apresentando ambientes naturais conservados ou em estágio secundário de regeneração.

Existindo uma grande diversidade de ambientes nesta região, visto a classificação Xavante, estão aqui agrupados em suas fisionomias principais : **mata** (ciliar, galeria, estacional e cerradão); **cerrado**; **campos** (limpo, sujo, de murundus, áreas úmidas e pastos em regeneração) e **áreas antropizadas** (pastos, culturas e terra-nua).

As pastagens em recuperação (pastos abandonados) foram classificadas como campo sujo por apresentarem em sua maioria indicativos e evidências de boa resposta regenerativa; apesar das gramíneas exóticas, estes ambientes são frequentemente utilizados pela fauna silvestre, possuindo uma função ecológica positiva.

Tabela 9

Percentual de remanescente por ambiente em cada área.

AMBIENTES	ÁREA 4	ÁREA 5
MATA	7 %	10 %
CERRADO	10 %	15 %
CAMPOS	18 %	20 %
Áreas Antropizadas	65 %	55 %

Frente a dados históricos e comparativos de outras regiões do Mato Grosso, onde dentro da Bacia do Xingu o desmatamento total até 1.997 representava 18 % de sua área no estado, sendo que do total **apenas 2 % foram registrados em reservas indígenas** e 98 % em fazendas do entorno. Estes números avaliam e justificam a importante e oportuna demarcação desta Terra Indígena proposta; efetivando a futura conservação de ecossistemas que “ainda” permanecem consideravelmente preservados, além de acelerar e permitir a recomposição natural das áreas antropizadas de cerrado – garantindo assim a tão almejada reprodução física e cultural do Povo Xavante.

Resumindo, este é o **momento oportuno**, antes que devastem a porcentagem de cerrado ainda remanescente na região.

Quem perde e sofre com a destruição do cerrado, além dos Xavantes?

--- A humanidade e todo o Planeta !!

A FIGURA 3 a seguir comprova a veracidade destas afirmações.

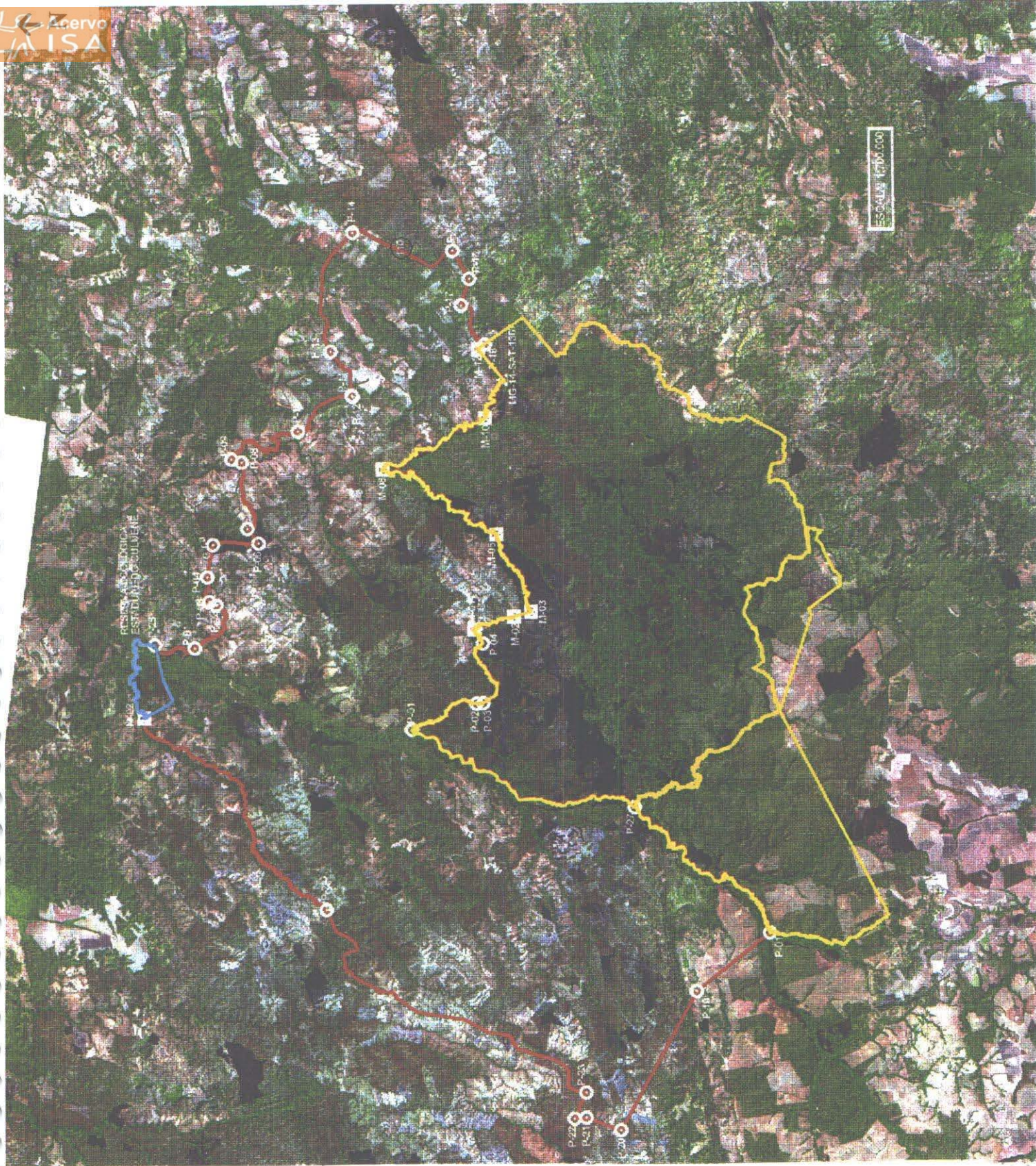


Figura 3 : Terras Indígenas demarcadas Parabubure, Ubawawê e Chão Preto (contorno em amarelo) e Terra Indígena delimitada (contorno vermelho)

Detalhe : contraste entre o “verde protegido” e as áreas do entorno.

Verde escuro = matas / verde claro = cerrado / marrom = campo e pasto
Preto = áreas úmidas / cores claras = terra-nua

7.1. Conservação e sustentabilidade dos Recursos Naturais

Os Ecossistemas são produto de uma história evolutiva única, cuja estabilidade e perpetuação dos biomas está garantida pelo Equilíbrio Ecológico (Homeostase) entre seus diversos componentes.

Para garantir e viabilizar a conservação dos recursos naturais dentro de uma reserva, seja indígena, estrativista ou Parque; dois fatores ecológicos são fundamentais na sustentabilidade: **diversidade de ambientes (habitats) X dimensão e formato** da reserva; em se tratando de reservas para uso sustentável, como no caso das Terras Indígenas, o fator **correto manejo X capacidade de suporte** populacional torna-se obrigatório.

A delimitação da Área de estudo foi concebida segundo os **modelos conservacionistas** mais recentes, que prevê o uso sustentável dos recursos naturais pelas populações tradicionais; sendo que as Áreas 4 e 5 unidas na paisagem regional, contemplam plenamente os fatores citados acima (diversidade de habitats X dimensão) completando e retificando o formato da T. I. Parabubure para próximo do modelo ideal que é o circular, segundo os propostos por DIAMOND (1.973).

FLORA:

Embora menos visível, a diversidade florística da região também sofre com a diminuição acelerada de seus ambientes naturais, com a destruição dos habitats e com o isolamento de populações provocadas pelo constante desmatamento.

Pontualmente, a Área proposta, apresenta ambientes conservados e “Intocados”- constituindo cerrados, cerradões e matas extensas e volumosas, fundamentais para a manutenção de populações de fauna e flora que são imprescindíveis ao Povo Xavante.

Outro fator importante a ressaltar, é o **grande poder e velocidade de regeneração** dos ambientes de cerrado – citado normalmente nas literaturas; colaborando positivamente para a rápida recomposição das áreas antropizadas e aumentando assim a disponibilidade de alimentos e habitats tanto para os Xavante, mas principalmente para a fauna silvestre.

Como observado em diversas áreas de pastagens abandonadas, dentro da T.I. Parabubure, o **cerrado volta com força total**, estando num período de 10 (dez) anos completamente restaurado.

Σ FOTOGRAFIA 16 : Cerrado totalmente recomposto em áreas de pastagem.

A ocorrência natural do fogo no cerrado, é pontada como benéfica pela maioria dos pesquisadores, **favorecendo a diversidade florística**; porém se ocorrer anualmente numa mesma área, torna-se negativo e prejudicial à diversidade das espécies vegetais e consequentemente para a fauna silvestre.

O fogo não é um fenômeno estranho ou exógeno ao cerrado. Assim, todo evento de queima causa um distúrbio nos ecossistemas, mas apenas aqueles que se afastam do regime de queima normal provocam perturbações e estresses nos ecossistemas. A produção de alguns frutos é estimulada pela queima em espécies como a marmelada (Alibertia edulis e A. myrciifolia), murici (Byrsonia crassifolia) e tucumã (Astrocaryum sp.) (DIAS, 1998).

Uma forte perturbação é considerada quando temos: - queimas com alta frequência (anual ou bianual); - queimas com baixa frequência (cada 20 anos ou mais); - queimas em grande áreas (acima de 10.000 h a). Portanto, tanto o regime de queima utilizado pelos pecuaristas na renovação das pastagens nativas (bianual), quanto aquela praticada nos últimos trinta anos nas Unidades de Conservação – podem ser consideradas anormais e estressantes para os ecossistemas (DIAS, 1998).

O regime normal de queima, durante a época dos índios jê, teria sido de queimas a cada 5 a 10 anos, entre janeiro e julho.

Portanto, o uso do fogo em caçadas (dú) realizadas anualmente pelos Xavante, é **benéfico para os ambientes abertos de cerrado**; para tal necessitam de **grandes extensões de cerrado**, para que não haja sobreposição anual destas caçadas num mesmo local. A nova **Área Indígena** quando demarcada permitirá um “**maior rodízio**” dos locais de caçadas com fogo – evitando a diminuição da diversidade e a deterioração gradual dos ambientes de cerrado que utilizam com esta finalidade.

RECURSOS HÍDRICOS e PESQUEIROS

Nem precisamos falar que “**Água é Vida**” e está intimamente ligada ao mundo simbólico Xavante; como vale lembrar que os estoques pesqueiros tornaram-se importantíssimos para a sobrevivência física do povo Xavante, com fonte insubstituível de proteína.

Uma intensa ramificação da rede de drenagem e uma quantidade fabulosa de nascentes (cabeceiras) , formadoras de grandes rios como o Kuluene que é um dos principais formadores do Rio Xingu; faz da área de estudo uma **prioridade conservacionista**, que aliada às necessidades do povo Xavante, torna-se quase uma **o b r i g a t o r i e d a d e**.

A Área Delimitada abrange quase **10 % da bacia do Rio Kuluene**, nesta importante e delicada região de cabeceiras; Somando-se às reservas indígenas de Parabubure, Ubawawe e Chão Preto, temos um total de **15 %** desta bacia protegida.

A **conservação dos recursos hídricos**, suas nascentes, córregos e veredas, bem como a existência abundante de peixes nos rios, está intimamente ligada com a presença maciça de matas-ciliares e matas-galerias preservadas; com toda certeza as ainda remanescentes na região estudada somente se manterão devidamente preservadas, caso estas terras sejam devolvidas aos seus antigos habitantes indígenas.

“Muito peixe antigamente, hoje as cabeceiras estão desmatadas”

O uso incorreto e exploratório do solo, bem como o uso abusivo de fertilizantes químicos e defensivos agrícolas utilizados nas fazendas colaboram sensivelmente para a degradação destes recursos naturais.

O cerrado brasileiro já perdeu 80 % de sua cobertura vegetal original, o que poderá comprometer uma das mais importantes reservas de água doce do planeta (O ESTADO de SÃO PAULO, 9 / 02 / 2.001).

Outro fator preocupante, que será consideravelmente diminuído com a demarcação desta Terra Indígena, é a erosão e perda de solo causados pela água da chuva – os sedimentos podem ser considerados um dos maiores poluentes das águas superficiais, bem como agentes causais de assoreamento nos canais e cursos d’água, além da eutrofia (Resck & Silva, 1.998).

Dependendo das diferentes culturas, manejo, tipo de solo e declividade do terreno, a perda de solo é ainda maior; segundo dados de Dedeck et al. (1.986) a perda de solos de cerrado pode **ultrapassar as 53 toneladas / hectare / ano** em solos descobertos, e ser respectivamente de 8 e 9 ton / h a / ano para o arroz e soja.

As fazendas da região como um todo desrespeitam as leis ambientais básicas – invadindo as APPs com arados para reformas de pasto e agricultura, impedindo a recomposição florística destes ambientes, e o que é pior colaborando imensamente com o processo de **assoreamento das principais bacias hidrográficas** da região e consequentemente da Bacia do Xingu.

Aproximadamente metade (50 %) das áreas antropizadas das microbacias do Ribeirão do Boi, Maria, Xavante, do Peixe, Piranhas e demais córregos - todos incluídos nesta proposta – são áreas de agricultura ou pastagens, onde a terra-nua aparece como cenário principal e marcante na paisagem - ocupando o equivalente a 100.000 hectares.

Cabe lembrar que este levantamento foi realizado por imagens de satélite de 1.997, ano que coincidiu com o auge do aumento das atividades agrícolas e pecuárias nos municípios da região, talvez impulsionados pela “proposta” da hidrovia no Rio das Mortes.

Tais atividades persistem, com também os **impactos provocados** - se em maior ou menor escala, não importa – a partir deste fato e imagem regional procuramos “mensurar” , quantificar tal impacto num determinado período, **tornando-o “mais visível”**; já que parece ser o mundo moderno governado por cifras e números.

Tendo como base esta área, e a similaridade de solos, um simples cálculo revela dados surpreendentes sobre perda de solo :

- terra-nua = perda de 53 ton / ano / h a (Dedeck et al., 1986)
- plantação de soja / arroz = perda de 9 ton / ano / h a (idem)
- 100.000 h a x 53 ton = 5.300.000 toneladas por ano.
- 100.000 h a x 9 ton = 900.000 ton / ano

Fazendo uma média entre o preparo do solo até a época da colheita, temos uma perda calculada em aproximados **3 milhões de toneladas ano.**

Os sedimentos, provindos da erosão do solo, invariavelmente têm como destino os cursos d'água, causando o assoreamento e prejudicando o abastecimento de água, a geração de energia, a navegação, além de afetar as Matas de Galeria (RESCK & SILVA, 1.998).

A demarcação da Terra Indígena delimitada favorecerá a rápida recomposição inicial da vegetação nativa (recobrimento por capins e gramíneas), impedindo a perda excessivo de solo; sendo que em pouco mais de um ano este número elevado de **perda de solo cairá para 0,1 %** que é a porcentagem estimada de perda de solo cobertos por gramíneas e vegetação nativa, segundo DEDECK ET AL. (1.986).

Outro ponto importante, eliminará o uso de agrotóxicos em toda esta região de intensa rede de drenagem.

Para finalizar, considerando que a perda de solo total na Área Delimitada ultrapasse os **Quatro milhões de toneladas** - depois da demarcação, com o abandono da agricultura mecanizada e pecuária extensiva, este número preocupante **cairá para 4 mil toneladas por ano** - diminuindo e revertendo a padrões naturais o processo de assoreamento dos rios da região - influenciando positivamente a Bacia do Xingu, para onde toda a água desta região aflue, e que segundo especialistas, é considerada a segunda bacia hidrográfica mais importante do país.

Antes = 4 milhões ou mais X Depois = 4 mil

Para ficar fácil de visualizar, podemos dizer que este número representa 400.000 caminhões basculantes cheios de terra sendo despejado diretamente nos rios,

Σ FOTOGRAFIA 17 : Terra-nua, agricultura invadindo Áreas de Preservação Permanente

7.2. Impactos Ambientais :

“Desmatamento traz doenças, doenças vêm pelo vento”

Esta frase de um velho índio, sintetiza a preocupação e as conseqüências danosas da destruição dos ambientes naturais; demonstrando uma “mítica” verdade conservacionista – o desmatamento e o descaso ambiental faz **adoecer a Terra, a Água, os Bichos e as Plantas**; enfraquece os Espíritos e os próprios seres humanos – “responsáveis” pela destruição.

Com toda certeza, o **desmatamento** e sua conseqüente supressão e fragmentação excessiva dos ambientes (habitats), constitui-se o maior impacto ambiental da região estudada. Os índios, principalmente os mais velhos acompanham este processo degradativo com muito desgosto, pois sabem das necessidades de seu povo e veneram pelo espírito e memória dos seus antepassados que reinaram bravamente nestas terras.

O desmatamento por si só abala todo o equilíbrio ecológico regional; diminuindo, fragmentando e extinguindo habitats importantíssimos para a perpetuação da fauna e flora, adensando e isolando populações de fauna colabora com a extinção local de espécies – além de aumentar e catalizar o processo de assoreamento das principais bacias hidrográficas regionais e estaduais.

Σ FOTOGRAFIA 18 : Desmatamento no município de Paranatinga.

Segundo dados da FEMA (1.999), nos últimos cinco anos (1.994 a 99) o município de Paranatinga desmatou 295.000 hectares de cerrado e Água Boa outros 95.000 h a; numa **média de desmatamento de 78.000 h a / ano**. E tudo indica que estes valores devem continuar.

Pegando a Bacia do Xingu como unidade amostral, e utilizando dados do Laboratório de Geoprocessamento do Instituto Sócioambiental / ISA (2.001), temos um índice de desmatamento constante nos municípios da região:

- σ Água Boa já desmatou 48 % de sua área dentro da Bacia do Xingu.
- σ Canarana 40 % , Nova Xavantina 31 %
- σ Paranatinga 20 % e Campinápolis 19 %.

Lembrando que estas regiões são “cabeceiras” formadoras do Rio Xingu, e que o **desmatamento nas terras indígenas** dentro da bacia representa menos de 2 % do total.

O processo de uso, podemos dizer exploração do solo, após o desmatamento Também exerce impactos ambientes negativos:

- Aplicação contínua de fertilizantes químicos e uso indiscriminado de **agrotóxicos** contamina águas subterrâneas e os rios, afetando na reprodução dos peixes e muitas vezes inviabilizando o abastecimento humano.
- O sistema de preparo dos solos agrava sua susceptibilidade à erosão, contribuindo sensivelmente com o processo de assoreamento.

As nascentes, córregos e ribeirões que afluem dentro da Área proposta, estão suscetíveis e já sofrem grande influência destes impactos negativos. Além destas águas e lugares serem utilizados frequentemente pelo Povo Xavante, desaguam no rio Kuluene, Ribeirão Paraíso, Couto Magalhães e Ribeirão Pedra Preta que fazem divisa com a T.I. Parabubure e são pontos importantes de pesca e banho para muitas aldeias – portanto expondo a população indígena a estes impactos e a possíveis contaminações.

A **pesca comercial**, praticada com redes, também pode ser considerada um impacto, já que colabora para a diminuição das principais espécies pesqueiras, influenciando negativamente sua reprodução e distribuição pelos rios e córregos da região.

A **pecuária**, segundo observações de campo feitas por LEEUWENBERG (1.994), causa impacto negativo na fauna silvestre, principalmente para os ungulados da região; pois o gado compete com os herbívoros, transmite doenças bovinas para os animais silvestres, causa dispersão de plantas e gramíneas não nativas e exóticas, altamente agressivas ao ambiente, e afasta pelo cheiro e barulho os animais silvestres.

Além, é claro, de exercer pressão sobre a necessidade de abertura de novas áreas de cerrado para pastagem, e de colaborar intensamente com a erosão e compactação do solo.

7.3. Justificativa Ambiental dos Limites.

Os limites da Área proposta, foram traçados obdecendo padrões conservacionistas e antropológicos, ambos levantados em campo; os **fatores ambientais** envolvem uma constante preocupação com a **conservação presente e futura dos principais biomas** que compõe a paisagem regional – levando em conta a diversidade de habitats, áreas antropizadas em regeneração, proteção de matas-galeria, suporte para as principais espécies de caça / pesca / coleta de uso Xavante, conservação de recursos hídricos regionais e estaduais e **conservação do Patrimônio da Humanidade** (Cerrado).

A própria degradação ambiental contitui-se numa forte **justificativa para as proporções desta demarcação**, pois quanto maior o estado degradativo do ambiente, proporcionalmente maior será o tamanho das áreas necessárias para manter a sustentabilidade das espécies e o equilíbrio ecológico entre as populações.

§ Área 4 :

Demarca remanescentes dos principais biomas regionais, abrangendo grande diversidade de habitats fundamentais para a conservação da fauna e da flora; como extensos campos-cerrado (fazendas Novo Mundo, Mineiros e Xavantina), mata estacional e galeria do Ribeirão Piranhas, áreas úmidas, veredas e buritizais, e extensas áreas de cerrado contínuo.

Protegerá mais de 43.000 metros de margens e matas do Rio Couto Magalhães.

Limite Norte : acompanha “obrigatoriamente” a linha de divisa do Parque Estadual do Kuluene, englobando grande número de nascentes, buritizais, veredas e matas do Rio Couto Magalhães; protege áreas úmidas importantes como o *Isô'upá* e *Tiriuwatasu'á*, bem como toda a microbacia do Ribeirão Piranhas.

Limite Leste : foi traçado para proteger extensas áreas de mata estacional, cerrados e cerradões que são importantes áreas de caça e coleta – caçadas familiares (*Dzömori*).

§ Área 5 :

Apresenta considerável diversidade de ambientes (habitats), como buritizais e veredas de diversos ribeirões e córregos, regiões de matas (galeria e estacional) volumosas das margens do Rio Kuluene, contendo elementos importantes da fauna e da flora; matas e cerrados junto à barra do Ribeirão Xavante com o Maria e também junto ao Rio Kuluene na região próxima à divisa do Parque Estadual encontra-se extensas áreas de matas com transição para cerradões e cerrados – segundo os Xavante, seus antepassados faziam festa sagrada (*Wesu'pó*) nesta região.

Ocorrência de “barreiros” – barro salgado muito apreciado pelos animais silvestres mais caçados e também pelas araras e papagaios.

limite inferior (sul) : está traçado justamente por englobar importante complexo de cerrados com transições para cerradões e matas – constituindo ótimas áreas para caça e coleta – este complexo destaca-se na paisagem local por apresentar grande extensão, continuidade (não fragmentado) e diversidade de ambientes, sendo único por estes motivos; tais qualidades não são mais encontradas facilmente nos ambientes regionais.

limite superior (norte) : obrigatoriamente faz divisa com o Parque Estadual do Kuluene, pois caso contrário existiria um “vazio” degradado separando as duas áreas naturais protegidas, que conseqüentemente exerceria impactos negativos em ambas. Desta forma, com o Parque e a Reserva Indígena “colados” diminui-se e praticamente anulam-se os efeitos negativos das áreas do entorno nesta região.

Teorias conservacionistas comprovam que áreas protegidas não devem ficar isolados na paisagem, com era o caso do Parque Estadual Kuluene, pois as populações de seus biomas precisam manter constante “fluxo gênico” com outras populações; o estado de isolamento causa declínio populacional e extinção de espécies.

O SNUC (Sistema Nacional de Unidades de Conservação), na sua última versão prevê uma maior interação das áreas protegidas com as populações tradicionais do entorno, efetivando assim sua proteção integral.

A resolução CONAMA 013 de 1.990, prevê programas de integração e conservação dos recursos naturais, num raio de 10 Km ao entorno das Unidades de Conservação – este diálogo futuro com as lideranças Xavante será muito oportuno e importante, tanto para os índios como para o Parque.

Reserva funcionará como zona de amortecimento dos impactos externos ao Parque Estadual do Kuluene

Por último, as lideranças indígenas compreenderam a finalidade de um Parque Estadual e suas restrições de uso (caça / pesca / fogo); afirmando colaborar com a fiscalização dos limites, e talvez designar alguns Xavante como futuros guarda-parque.

Limite Oeste (estrada de Paranatinga) : a referida estrada foi definida com ótimo limite da Área, por principalmente estar assentada sobre o Divisor de Águas da região, compreendendo desta forma todas as nascentes dos Ribeirões do Boi, Maria, Xavante e Córrego do Cascudo – num total aproximado, pela análise da Carta Planoaltimétrica da região (DSG, 1.976. escala 1: 100.000), de mais de 300 (trezentas) nascentes.

As microbacias citadas acima, apresentam uma drenagem densa e muito ramificada, aumentando o caudal do Rio Kuluene – caracteriza-se por possuir o maior número de nascentes da grande Bacia do Kuluene nesta região.

O limite natural anterior “pensado”, como sendo o Ribeirão Maria, deixaria mais de 50 nascentes fora da Área 5; desta forma atual todas as nascentes do Ribeirão Maria estão incluídas e protegidas.

Importantes APP (Áreas de Preservação Permanente) que são fundamentais na conservação de nascentes, córregos, veredas, fauna e flora – estão protegidas com esta proposta de demarcação e tendem a recuperar sua vegetação natural – diminuindo o assoreamento dos ribeirões.

A estrada como limite facilitará a fiscalização da reserva por parte dos próprios índios (uso bicicletas), bem como colabora para um maior reconhecimento da Reserva pela sociedade do entorno, através de placas alertando sobre a existência da “Reserva Indígena” e sua conservação.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Código Florestal (Lei 4.771 / 65) em seu Artigo 2º. Considera Áreas de Preservação Permanente (APP) as florestas e demais formas de vegetação ao longo dos rios ou qualquer curso d'água – de no mínimo 30 metros para rios com menos de 10 metros de largura, e de 50 metros ou mais para os rios com largura maior que 10 metros.

Nas nascentes, ainda que intermitentes, considera APP um raio de 50 metros de largura.

Como comprovado em loco, as fazendas não respeitam a legislação ambiental em vigência, principalmente em se tratando de proteção dos mananciais e Áreas de Preservação Permanente; destruindo matas-ciliares e reduzindo-as a larguras mínimas muito aquém da prevista legalmente; além de invadir nascentes e veredas.

FOTOGRAFIA 19 : APP degradada no meio de um pasto quase improdutivo.

O Artigo 3º. Do mesmo Código Florestal, considera APP as vegetações naturais que apresentam, como uma de suas finalidades “atenuar a erosão das terras”. Abrigando também nesta categoria as florestas e demais formas de vegetação natural destinadas a manter o ambiente necessários para preservar espécies da fauna e flora ameaçadas de extinção.

Tendo como base os referidos artigos e a realidade ambiental, a maneira mais sensata e praticamente única de fazê-los valer para a região de estudo, é a plena decretação como Terra Indígena da Área Delimitada. Garantindo não apenas a aplicação íntegra da Lei Federal, mas principalmente a conservação e preservação dos recursos naturais que ela almeja, e que são imprescindíveis para a sobrevivência física e cultural do povo Xavante.

Cabe lembrar, que a íntegra proteção e conservação ambiental destes mananciais e dos demais ecossistemas regionais, constitui forte desejo e reivindicação de toda uma “consciente” sociedade nacional e internacional.

Interessante, a estreita relação e dependência da cultura Xavante com as palmeiras de Buriti (*uiwêde*), que por incrível coincidência, obra da natureza ou “sobrenatural”, ocorre sistematicamente em abundância nas cabeceiras, nascentes e veredas – justamente nos ambientes onde a degradação do “homem branco” é menos impactante, pois ocorrem em áreas protegidas por lei (Áreas de Preservação Permanente)

Importante ressaltar que devemos considerar Parabubure como um todo, população de 6.000 índios em gradativo crescimento; bem como “pensar” em todo Povo Xavante, pois uma nova Terras Indígena demarcada pode vir a ser ocupada por facções de outras Reservas – amenizando e ou solucionando conflitos políticos internos que acompanham e marcam a existência Xavante.

Decorrente da fixação das aldeias, e com o crescimento da população, as áreas de caça foram diminuídas e sobrepostas; a falta de “espaço” acentuou a exploração da fauna – tornando-se intensa e excessiva nos arredores das aldeias, e causando um desaparecimento local das principais espécies de caça.

O gradativo aumento da população indígena e sua concentração também causa um aumento constante da pressão de caça, e segundo LEEUWENBERG (1.994) somente com a implantação de uma **sistema de rotação da caça**, o uso da fauna cinegética voltará a ser sustentável e poderá manter-se para as futuras gerações. Este sistema de rotação é mais próximo daquele utilizado pelos Xavantes antes do contato com o mundo branco, quando ainda eram semi-nômades – caso não voltarem para o sistema de rotação a caça não poderá se recuperar e irá diminuindo até sua extinção, acabando com a caça de maneira definitiva.

Portanto, a demarcação desta nova Terra Indígena Xavante torna-se imprescindível para a **implantação de um sistema rotativo de caçadas**, e conseqüentemente para a conservação deste importante recurso natural.

“Caso as populações de fauna de caça diminuam – conforme previsto se as praticas atuais de caça permanecerem – existe uma séria ameaça de subnutrição devido à falta de proteína animal, principalmente entre as crianças. Os Xavantes dependem quase inteiramente da carne silvestre. A pecuária não faz e nunca fará parte da cultura Xavante”.

O potencial conservacionista dos ambientes da nova Área é grande e ricamente diversificado, funcionando como ótimos habitats reprodutivos para a fauna silvestre. Tanto os velhos como os jovens índios estão conscientes da diminuição da caça, e que esta precisa ser feita com **critérios de manejo** para ser mantida viável – a demarcação dessa nova Terra Indígena incentivará a redistribuição do grupo, diminuindo a pressão de caça; propostas de manejo e conservação das espécies caçadas poderão ser amplamente discutidas e implantadas.

A falta de espaço desmotiva e impede os Xavante de manterem certas atividades ancestrais de caça, como o *Dzomöri*, que percorre grandes distâncias - as **caçadas familiares (dzomöri)** são **extremamente importantes para a transferência de conhecimento tradicional** sobre caça, pesca, plantas medicinais e coleta de frutas e raízes alimentares. Fato presente é que a geração jovem Xavante possui menos interesse sobre caça e coleta, pois falta muito conhecimento e treinamentos advindos destas caçadas familiares.

Somente um aumento constante das caçadas familiares poderá garantir a transferência do conhecimento tradicional para as novas gerações; sem esta segurança dos jovens a comunidade pode perder sua firmeza, o conhecimento de suas terras, da caça e da defesa de sua própria cultura (LEEUWENBERG,1.994)

A demarcação efetiva desta proposta favorecerá a **retomada de antigas tradições** de caça, importantes tanto para os índios como para a própria fauna silvestre – diminuindo a pressão de caça hoje existente e propiciando o aumento reprodutivo das principais espécies caçadas; favorecendo assim o equilíbrio ecológico entre as populações.

Estudos futuros sobre manejo de fauna e seus habitats, bem como levantamentos da densidade populacional das espécies caçadas que habitam as Áreas propostas, são de extrema importância para se iniciar uma séria discussão sobre o “crescimento do povo Xavante” e a **capacidade de suporte** dessa nova Área; para que “não ultrapasse os limites ecológicos da região, prejudicando a si mesmos”.

Outro ponto a ser considerado, é a frequente utilização de armas de fogo calibre 22 nas caçadas; o que representa em média um perda de 25 % da fauna que poderia ser consumida. LEEUWENBERG (1.994) sugere a **substituição do calibre 22 para o calibre 20**, diminuindo a perda de fauna e recuperando o treinamento dos jovens no espírito da caça tradicional, pois a espingarda calibre 20 exige o mesmo talento do caçador que exigem o arco e a flecha (tendo que se aproximar do animal). A sugestão da troca servirá para a conservação da fauna ameaçada e para a recuperação cultural das caçadas.

O PRONABIO e o WWF afirmam com base em pesquisas e levantamentos, que a **biodiversidade existente nas terras indígenas é maior e mais significativa que a presente nas Unidades de Conservação** - necessitando de incentivos para seu devido manejo e assim conservação. Sendo que em muitos casos, a manutenção da biodiversidade (principalmente fauna) torna-se viável somente com a retificação das Terras Indígenas.

Mudando de assunto, as **áreas contendo assentamentos rurais** no entorno de Terras Indígenas, merecem atenção especial e devem ser estudadas e revistas com mais tempo e “critérios”; avaliando as condições produtivas e sociais dos assentados e ponderando suas opiniões frente à realidade de serem obrigados a “mudar de área”. Sendo casos mais delicados, envolvendo famílias simples, sofridas, excluídas social e economicamente. Desta forma, o G.T. por mais que tenha se esforçado para evitar áreas com assentamentos na delimitação, falhou muito no sentido deste contato e verdade social.

Há uma necessidade URGENTE de uma maior “interação” e diálogo entre o INCRA e a FUNAI, evitando problemas futuros com novos assentamentos rurais nas proximidades e arredores de Terras Indígenas passíveis de ampliação.

Finalizando, o processo de indenização dos proprietários rurais deve priorizar a indenização e o reassentamento dos pequenos produtores. Mais uma vez, o INCRA e a FUNAI precisam começar a trabalhar juntos; e assim um dia conseguiremos viver num país realmente sério – **cheio de vida e de mais amores** !!

9. CONCLUSÃO

“Queremos novas áreas pra deixar crescer os bichos, as aves, os peixes e também para deixar crescer o mato” Cacique Cipriano

O povo Xavante necessita e utiliza os ambientes do cerrado, de forma sazonal – cada época do ano exploram um determinado recurso natural, seja para alimentação ou para manutenção de sua rica cultura ancestral.

O uso frequente e sazonal dos principais ambientes que compõe a paisagem regional, e a estreita relação e dependência do povo Xavante para com os recursos naturais; **comprava a importância da Área delimitada** nesta proposta, onde a grande diversidade dos ambientes (habitats) aliada à sua favorável extensão proverá em todos os períodos do ano os recursos alimentares e culturais necessários à plena sobrevivência do Povo e da Alma Xavante; bem como à **sobrevivência e conservação da fauna e flora silvestre** que são partes fundamentais da Alma e da cultura deste Povo do Cerrado.

O potencial conservacionista dos biomas englobados nesta proposta é animador e bastante favorável ao uso sustentável dos recursos naturais; contribuindo positivamente para o equilíbrio ecológico das principais populações de fauna e flora utilizadas pelos indígenas.

O correto uso e manejo “ecológico” desta Área permitirá a sobrevivência atual e futura do Povo Xavante – sem a necessidade de exploração de atividades econômicas que possam causar impactos prejudiciais ao ambiente e à própria cultura Xavante.

A Demarcação desta Área, além de ser oportuna e fundamental para os Xavante, possui um valor ambiental intrínseco – podemos dizer “para a humanidade”; protegendo integralmente mais de 600 nascentes e mananciais aquíferos juntamente com seus ambientes de matas, veredas, buritizais e fauna associados.

Protegerá também mais de 80.000 mil metros dos ambientes ripários que compõe as margens do Rio Kuluene, além de outros 45.000 metros de matas das margens do Rio Couto Magalhães.

Em suma, sendo a microbacia do Kuluene uma importante bacia de drenagem que flui para o Rio Xingu, colaborará positivamente para a manutenção dos regimes hidrológicos regionais e para a diminuição do desastroso processo de assoreamento que sofre esta importante bacia brasileira – a segunda mais importante.

A nova Terra Indígena, quando de domínio e fiscalização dos índios, e sendo utilizada sob uma ótica “sustentável” de manejo dos recursos naturais, tornar-se-á uma grande **reserva da Biodiversidade** detentora de belas paisagens naturais da região; com êxito conservacionista igual ou até superior ao de muitas Unidades de Conservação – para tal necessita de envolvimento e de trabalhos integrados entre as entidades competentes, como ONGs, Universidades e FUNAI.

Projetos futuros sobre estudos e manejo de caça serão muito oportunos e importantes; e com certeza vistos e aceitos com “bons olhos” pelos Xavante, dado a demarcação desta T.I.

Todo o simbolismo culturalmente presente na alma do Povo Xavante, aparece como peça importante neste processo de “luta” por suas terras ancestrais - possuindo seu valor prático - através da **confirmação** e do **aumento da auto-estima** do grupo; e quem já andou com seus velhos e crianças, sabe muito bem a importância deste simbolismo.

“ O aumento das Reservas contribui para a afirmação cultural do povo Xavante, os velhos passam a buscar as tradições antigas ensinando-as aos mais jovens” Padre Giaccaria

Somente com a **demarcação de novas e extensas áreas** será possível a retomada de um sistema de caça rotativo – o “mais próximo daquele utilizado pelos Xavante antes do contato”; sendo um estímulo para a prática das caçadas comunitárias (dzomöri), praticamente inexistentes no presente devido à falta de espaço, e que são fundamentais no treinamento dos jovens e indispensáveis para a perpetuação cultural do povo Xavante.

“Nós caminhávamos com nossa família por toda parte, aprendendo com nossos pais e avós e ensinando para nossos filhos, e agora queremos estas terras de volta – queremos dar esta alegria aos nossos netos” Ahö pö re (velho Miguel)

Os Xavantes estão cientes da maior responsabilidade “conservacionista” que precisam ter sobre suas novas reservas, inclusive sobre sua própria cultura.

“Criaram a bandeira do Brasil, só que ninguém respeita – ninguém respeita a Natureza. A riqueza do índio é a Terra”

A demarcação desta proposta, abrirá novos caminhos para a discussão sobre a condição indígena atual, seus caminhos e sobrevivência futura; estando esta ligada diretamente à conservação e uso racional dos recursos naturais. Em outras palavras, podem ser responsabilizados pelo destino de seu próprio futuro – e que “estamos” dispostos a compartilhar deste futuro com seu povo, não de forma paternalista, mas como verdadeiros amigos.

Torna-se cada vez mais clara a importância “Educativa e Cultural” desta demarcação; pois não só a FUNAI estará “dando mais terras para o índio” como diz a população branca, mas estará inaugurando um novo marco no “modis vivendi” dos Xavante da região do Kuluene – discutindo aberta e seriamente a sobrevivência física e cultural deste povo em suas limitadas Reservas.

Os Xavante precisam passar a encarar a realidade de seu futuro, reconhecendo a necessidade do uso sustentável dos recursos naturais de suas reservas e adotando formas de manejo – embasadas em pesquisas científicas competentes que levem em conta os aspectos culturais de seu povo.

Resumindo, esta proposta garante as condições físicas e ambientais necessárias ao Povo Xavante que habita esta região, de pelo menos terem opção de escolha sobre seu próprio futuro e de continuarem vivendo o mais próximo de suas antigas tradições.

FOTOGRAFIA 20 : O Mundo é das crianças ! ! !

“ A Terra é pros nossos netos. . . depois que sair o cheiro do branco da terra, que o mato crescer, o Xavante começa a usar, mudar aldeia e fazer as roças – Deixar a terra ficar bonita – precisa de nascentes pras novas aldeias.

Warazú não cuida da terra, queremos terra pros nossos filhos e netos e o Xavante quer a terra pra cuidar e manter as matas e os bichos, se não a tradição acabará e não seremos mais ninguém – SOMOS ANIMAIS que DEPENDEM da NATUREZA.”

Cacique Alexandre (Ald. Córrego da Mata)

ROWE DZA' ENE (Grande Paz e felicidade)

BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, A.S. & SCHIMIZ, P.I. Ocupação indígena do cerrado: esboço de uma história. IN: SANO, S.M. & ALMEIDA, S.P. **Cerrado: ambiente e flora**. Planaltina. EMBRAPA-CPAC, 1998. 556p.
- CARRARA, E. Componente Indígena do EIA / RIMA da Hidrovia Araguaia-Tocantins. AHITAR / Cia. Das Docas – Pará. Mato Grosso, 1998.
- COUTINHO, L.M. O cerrado e a ecologia do fogo. **Ciência Hoje**, p.130-138, maio, 1992. Volume especial Eco-Brasil.
- DIAS, B.F.S. Impactos da ocorrência de fogo na região do cerrado. Workshop para discussão e elaboração do Plano de ação para os Ecossistemas do cerrado. Brasília. 1998. Texto de palestra não publicado.
- EMMONS, L.H. **Neotropical Rainforest Mammals – a field guide**. Chicago Press – USA. 1990. 281p.
- GIACCARIA, B. & HEIDE, A. **Auwê Uptabi: Xavante, o povo autêntico**. Ed. Dom Bosco, São Paulo. 1972.
- GIACCARIA, B. **Xavante – ano 2000: reflexões pedagógicas e antropológicas**. Ed. UCDB, Campo Grande – MS, 2000. 192p.
- GOODLAND, R.A. & FERRI, M.G. **Ecologia do cerrado**. Belo Horizonte, Itatiaia, 1979. 193p.
- ISA. Dados sobre desmatamento, Unidades de Conservação e Terras Indígenas dentro da Bacia do Xingu. Laboratório de Geoprocessamento do Instituto Sócioambiental. São Paulo, 2001. Dados não publicados.
- ISA. **Povos Indígenas do Brasil, 1991-1995**. Instituto Sócioambiental. São Paulo, 1996.
- LEEUWENBERG, F. Manejo de fauna cinegética na reserva indígena Xavante de Pimentel Barbosa, Mato Grosso, Brasil. Relatório Final. Associação Xavante de Pimentel Barbosa, Centro de Pesquisa Indígena – CPI, Wildlife Conservation Society, WWF, 1994. 48p.
- LEEUWENBERG, F & SALIMON, M. **Para sempre Auwê: os Xavante na balança das civilizações**. Brasília – DF, 1999. 64p.
- LOPES DA SILVA, M.A.P. – **Nomes e amigos: da prática Xavante a uma reflexão sobre os Jê**. FFLCH / USP, 1986. 340p.
- MARINOM, B.S. Estrutura, composição florística e etnobotânica de floresta monodominante no Vale do Araguaia. MT. Dissertação de mestrado. Instituto de Ciências Biológicas. UNB. Brasília. 1998.

MAYBURY LEWIS, D. **A sociedade Xavante**. Livraria Francisco Alves Editora, Rio de Janeiro, 1984.

MELLO, M.G. Análise Ambiental e planejamento de uma RPPN no município de Itatinga – SP. Monografia de graduação. IB-UNESP / Rio Claro. 1999.

O ESTADO de SÃO PAULO. Jornal de sexta-feira, 9 de fevereiro de 2.001. pg. A16.

PAULA, J. Relatório de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Ubawawê – Mato Grosso. FUNAI, Brasília, 1997.

REATTO, A.; CORREIA, J.R.; SPERA, S.T. Solos do bioma cerrado: aspectos pedológicos. IN: SANO, S.M. & ALMEIDA, S.P. **Cerrado: ambiente e flora**. Planaltina. EMBRAPA-CPAC, 1998. 556p.

RESCK, D.V.S. & SILVA, J.E. Importância das matas de galeria no ciclo hidrológico de uma bacia hidrográfica. In: RIBEIRO, J.F. **Cerrado: matas de galeria**. Planaltina. EMBRAPA-CPAC, 1998. 164P.

REZENDE, A.V. Importância das matas galeria : manutenção e recuperação. In: RIBEIRO, J.F. **Cerrado: matas de galeria**. Planaltina. EMBRAPA-CPAC, 1998.

RIBEIRO, D. **Os índios e a civilização**. A integração das populações indígenas no Brasil moderno. Editora Vozes, Petrópolis – RJ, 1977.

RIBEIRO, J.F. & WALTER, B.M.T. Fitofisionomias do bioma cerrado. IN: SANO, S.M. & ALMEIDA, S.P. **Cerrado: ambiente e flora**. Planaltina. EMBRAPA-CPAC, 1998. 556p.

ROBINSON, J.G. & REDFORD, H.H. **Neotropical Wildlife Use and Conservation**. University of Chicago Press, Chicago – USA. 1991.

SERPA, P.M.N. Laudo Antropológico. Território de Ocupação Xavante – um estudo da ocupação imemorial Xavante do Vale do Rio Couto Magalhães (Área Indígena Parabubure). São Paulo, 1990.

USP / UICN / F.FORD. Programa de pesquisa e conservação de áreas úmidas no Brasil – **Inventário de áreas úmidas do Brasil**. São Paulo. 1990

WWF Brasil. **Manejo de Fauna na Reserva Xavante Rio das Mortes, MT: cultura indígena e método científico integrados para a conservação**. Brasília. WWF- Brasil, vol.4, 2.000. 68p.

ANEXO 1

SEQUÊNCIA de FOTOGRAFIAS

PRINCIPAIS ATIVIDADES



Foto 1: vista do Isõ 'upá – área ancestral de caça de cervos.



Foto 2 : meninos imitando banho ritual dos Wapté.



Foto 3 : “ Curador”
antigo em atividade.
Seu Roberto.



Foto 4: Processo de
aplicação de plantas
medicinais.



Foto 5: Caçador em plena atividade – detalhe para o arco de tucum.



Foto 6 : Seu Bil (direita) com antigo companheiro de caçadas
Feição orgulhosa - quando menino roubou a cabeça da onça !



Foto 7: carne de caça sendo preparada no campo – método para conserva-la até ser levada para a aldeia.



Foto 8 : Giral para guardar caça – acampamento de caçadas registrado fora da TI Parabubure, na área 5.



Foto 9 : coquinhos e brotos de buriti obtidos em coleta. (alimentação e artesanato_



Foto 10 : coleta de frutas com as crianças (fora da Reserva) – Alegria Pura !



Foto 11: Peixe muito apreciado (matrinhãs) e mandioca das roças.



Foto 12: Roças de toco dentro da faz. Xavantina (área 4)



Foto 13 : Caitetu de
estimação.

Foto 14 : confecção de
baquités com brotos de
buriti (artes./utensílio)





Foto 15: Produção de colares com sementes de capim-navalha – Aé.
A cordinha finíssima é feita de folhas de tucum c/ cera de abelhas



Foto 16 : Cerrado totalmente recomposto dentro da Reserva (15 anos) -
antigo pasto da faz. Xavantina.



Foto 17 : Terra-nua (agricultura) invadindo Áreas de Preservação (APP)



Foto 18: Grande desmatamento em áreas de mata (Paranatinga)



Foto 19 : Pasto “quase” improdutivo destruindo uma nascente.



Foto 20 : A Terra e o futuro pertencem às Crianças – Insiwairrú !!

ANEXO 2

TABELA das PRINCIPAIS ESPÉCIES VEGETAIS
UTILIZADAS pelos XAVANTE

TABELA : espécies vegetais, ambientes de ocorrência e utilidade

Nome popular	Nome Xavante	UTILIDADE	Ambiente
Mirindiba	<i>I'rāihã</i>	Alimento / atrain caça	Campo
	<i>I'tepó</i>	Atrain caça – anta	Campo
Marmelo	<i>Tōmoti</i>	Alimento / atrain caça	Campo / mata
Mangaba	<i>Ritó</i>	Alimento / atrain anta	Cerrado
Cumbaru	<i>Wederã'pó</i>	Alimento – castanha	Cerrado
Babaçú	<i>Norōwede</i>	Alimento / esteiras / cobertura e parede de casas	Mata
	<i>Titiwatsu'á</i>	Alimento	Áreas úmidas
Bocaiúva	<i>A'ódo</i>	Alimento	Cerrado / mata
Gameleira		Alimento para fauna	Mata-ciliar
Chichá		Alimento fauna e peixes	Mata-ciliar
Buriti	<i>Uiwêde</i>	Alimento / artesanato / ritual / cobertura de casas	Nascentes e veredas
Algodão-roxo	<i>Abazí</i>	Artesanato / enfeite corporal	Cerrado / roças
Araticum	<i>Itepauara</i>	Alimento / alimento fauna	Cerrado
Taquara	<i>Ti</i>	Artesanato / flechas	Borda de mata-ciliar
Buritirana	<i>Wareirê</i>	Alimento / artesanato	Mata-ciliar / vereda
	<i>Itomoroassu</i>	Raiz fortificante	Cerrado
	<i>Titopré</i>	Alimento	Cerrado
Pequi	<i>Abare'wêde</i>	Alimento / madeira para pilão	Cerrado / cerradão
	<i>Tininim</i>	Alimento / alimento fauna	Cerrado
Jenipapo	<i>Wederã</i>	Tinta para o corpo (ritual)	Mata-ciliar / galeria
Tucum – mata		Madeira para arco	Mata
Tucum	<i>Norōihã</i>	Linha para arco	Cerrado
Bacuri	<i>Tirirê</i>	Alimento	Cerradão
Capim navalha	<i>Aé</i>	Artesanato (colares)	Áreas úmidas
Cará	<i>Mo ò nia</i>	Alimento	Mata
Batata nativa	<i>Uwã</i>	Alimento	Mata

Batata nativa	<i>Poné e re</i>	Alimento	Cerrado
Aroeira	<i>Brudu</i>	Pilão / estrutura de casas	Mata / cerradão
Imbira	<i>Wamāni</i>	Corda para enfeites e artesanatos	Mata
* Imbira-preta		Corda para enfeite (proteção)	Mata-ciliar
Taquara	<i>U'mrana</i>	Confecção de peneiras	Mata / capoeira
Sapé		Cobertura de casas	Áreas úmidas
Batata nativa	<i>Udedu</i>	alimento	Mata
Batata nativa	<i>Wö</i>	Alimento	Mata
Batata nativa	<i>Udzapodo</i>	Alimento	Áreas úmidas
Batata nativa	<i>Moni õ i'ré</i>	Alimento (comem muito)	Mata
Batata nativa	<i>Buruwö</i>	Alimento	Mata
Cará selvagem	<i>Tomotsuihöire</i>	Alimento	Mata
Cará selvagem	<i>Patêde</i>	Alimento / medicinal	Mata
	<i>Wessutêde</i>	Folha para assar bolo de milho e peixes	Mata
Pindoba	<i>'re 're</i>	Cobertura de casas / esteiras	Beira de brejos
Sucupira	<i>Norõ 'ré</i>	Bordunas / estrutura casas	Mata / cerradão
	<i>waréirê</i>	Alimento (fruta)	Cabeceiras
	<i>Pooné buturāné</i>	Madeira para bordunas	Mata
	<i>Reberã si aõ</i>	Alimento (fruta)	Mata
	<i>Õ piniré</i>	Alimento / alimento fauna	Mata / cerrado
Jatobá da mata	<i>A'õ</i>	Alimento	Mata
Jatobá cerrado	<i>A'õ'õire</i>	alimento	Mata
	<i>Û'airê</i>	Alimento (fruta)	Cerrado
	<i>Reberã tsirã</i>	Alimento (fruta)	Mata
palmeira	<i>ariwêde</i>	Madeira para ponta de flechas	Mata
lixeira	<i>Ra'tsú</i>	Lixa para arcos e artesanatos	Cerrado
ipê	<i>Sirru'wede</i>	Madeira para pilão / casas	Cerradão
Cará selvagem	<i>pidzi</i>	alimento	Mata
	<i>Maiá'ré</i>	Alimento (raiz)	Mata
Imbira *	<i>Itsitsa'riti'ru</i>	Cordinha preta (proteção)	Cerrado

Imbira	<i>Imanané</i>	Cordinha (proteção)	Borda de mata-ciliar
Imbira	<i>Wete'rãti</i>	Cordinha branca (ritual)	Mata
	<i>Wedetob a</i>	Embira para cordas	Mata
Pindaíba	<i>Da tob todzé</i>	Medicinal / cola para brincos	Mata / cerrado
Timbó	<i>Abawadzi</i>	pescaria	Mata
Ingá	<i>'renho</i>	Alimento / alimento fauna	Mata-ciliar
	<i>Itsu'wa're</i>	Pintar corpo / alimento para peixes	Mata
Gengibre	<i>Tsibdzibi</i>	medicinal	Mata
Palmeira	<i>Abarudu</i>	Cordas para enfeite	Cerrado
Urucum	<i>Bö</i>	Pintura corporal e artesanatos	Roças
Cabaças	<i>Um're</i>	Uso doméstico / artesanatos	Cerrado / mata
Guatambu	<i>Pawi</i>	Ritual / cabos ferramentas	Cerrado / mata
Angico	<i>Wederutunorô</i>	Cordas / madeira casas	Cerradão / cerrado

TOTAL : 70 espécies + 40 espécies medicinais (citadas no texto) = 110

* Imbiras = entrecasca de diversas árvores e arbustos.



Fundação Nacional do Índio
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

Ref. Rel. Ambiental. T. Parabubure, áreas 04 e 05.

Jo.
Senhor. Jorge Luiz de Paula.
Favor analisar e retornar nos atos
aprovados, se for o caso.

B>B, de. 03/08/01

Prof. Dr. C. --- P.